

LILIANA FERREIRA PINTO

**Valores Pessoais e Comportamentos Antissociais em
Adolescentes em Regime de Internato e Externato
numa Instituição Escolar**

Orientadora: Professora Doutora Teresa Braga

Universidade Lusófona Do Porto
Faculdade De Psicologia

Porto
2014

LILIANA FERREIRA PINTO

**Valores Pessoais e Comportamentos Antissociais em
Adolescentes em Regime de Internato e Externato
numa Instituição Escolar**

**Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para obtenção do
grau de Mestre em Psicologia Forense.**

Orientadora científica: Professora Doutora Teresa Braga

Universidade Lusófona Do Porto
Faculdade de Psicologia

Porto
2014

*Todas as grandes coisas são simples. E
muitas podem ser expressas numa só
palavra: liberdade; justiça; honra; dever;
piedade; esperança.*

Winston Churchill

AGRADECIMENTOS

O chegar ao fim desta caminhada é o resultado final do esforço, dedicação e empenho, termino-a com uma sensação de alívio e realização pessoal.

Este espaço é pequeno para expressar a gratidão a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

Sem o objetivo de menosprezar ninguém manifesto o meu mais profundo reconhecimento, em especial:

Ao Ex. Diretor do Instituto Escolar.

À Professora Doutora Teresa Braga na qualidade de orientadora, pela forma dedicada e profissional como acompanhou a elaboração deste Trabalho de Investigação, abdicando muitas vezes do seu tempo para me orientar.

À Professora Doutora Carla Antunes pela motivação nos momentos delicados de trabalho, manifestando-se uma excelente profissional.

A todos os Alunos que disponibilizaram o seu tempo para preencher os questionários.

Quero agradecer à minha família, pelo incansável apoio e total dedicação que me proporcionaram sempre, não só durante a realização deste trabalho, mas também durante todas as etapas da minha vida.

Finalmente um agradecimento muito especial a toda a excelente equipa de trabalho da qual faço parte, que sempre me motivaram apoiando me em todos os momentos.

Com a ajuda de todos foi possível chegar ao fim.

A todos vós, o meu Muito Obrigado.

RESUMO

Os comportamentos antissociais são aqueles que se desviam daquilo que é social e culturalmente esperado. Este tipo de comportamentos ocorre tipicamente durante a adolescência. Neste contexto, a identificação dos valores, enquanto guias que orientam a vida, assume uma particular importância. O principal objetivo do presente estudo foi identificar os valores pessoais e os comportamentos antissociais de um grupo de adolescentes e analisar as relações entre estas variáveis e características sociodemográficas, tais como regime de frequência numa instituição escolar, idade, nível socioeconómico e nacionalidade. Os participantes do presente estudo foram 190 alunos de uma instituição escolar, tendo respondido a um questionário sociodemográfico, ao Questionário de Condutas Antissociais e ao Questionário sobre os Valores Pessoais. Os principais resultados mostraram a prevalência de valores coletivos na presente amostra, assim como uma prevalência de comportamentos relativos a conduta contra normas e agressão. A idade foi a única variável que se associou significativamente com os comportamentos antissociais e valores pessoais. Os resultados correlacionais mostraram ainda associações entre os comportamentos antissociais e os valores pessoais, tendo-se constatado nas análises de regressão lineares que o domínio coletivo explica inversamente o envolvimento em comportamentos antissociais, enquanto o domínio hedonista, positivamente.

Palavras-chave: comportamentos antissociais, adolescência, valores pessoais, escola

ABSTRACT

Antisocial behaviours are those that deviate from what is socially and culturally expected; this type of behaviour can occur during adolescence. In this process, the identification of values that guides life, assumes a particular importance. The main objective of the present study was to identify personal values and antisocial behaviours of adolescents and to analyze the relationships between these variables and sociodemographic characteristics, such as frequency regime in a school institution, age, socioeconomic status and. The participants of this study were 190 students of a school institution, who responded to a demographic questionnaire, the Antisocial Conduct Questionnaire and the Questionnaire about Personal Values. The main results showed the prevalence of collective values, as well as the prevalence of against rules behaviours and aggression. Age was the only variable associated with antisocial behaviours and personal values. The correlation results also showed associations between antisocial behaviours and personal values, and it was found in the linear regression analysis that the collective domain explains inversely antisocial behaviours, while hedonistic domain explains positively.

Key words: antisocial behaviours, adolescence, personal values, school

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

%	Porcentagem
β	Valor de Beta
CCA	Questionário de Condutas Antissociais
cf.	Sigla latina que significa compare
cit. por	Citado por
DP	Desvio Padrão
e.g.	Por exemplo
et al.	E colaboradores
F	Valor da Anova
i.e.	Isto é
M	Média
N	Frequência total
n	Frequência parcial
NSE	Nível Socioeconómico
p	Nível de significância
p.	Página
QVP-R	Questionário sobre os Valores Pessoais
R	Coeficiente de Correlação
rho	Valor da correlação de <i>Spearman</i>
S.P.S.S.	Statistical Package for Social Sciences
WHO	<i>Wealth Health Organization</i>
χ^2	Qui-quadrado (valor do teste Kruskal-Wallis)
Z	Valor do teste Mann-Whitney

ÍNDICE GERAL

Introdução geral	10
1. Comportamentos Antissociais.....	11
1.1. Comportamentos Antissociais: Definição	12
1.2. Comportamentos Antissociais e Idade	13
1.3. Comportamentos Antissociais e Nacionalidade.....	15
1.4. Comportamentos Antissociais e Nível Socioeconómico	16
1.5. Tipos de Comportamentos Antissociais	17
1.5.1. Condutas Contra Normas	17
1.5.2. Vandalismo	18
1.5.3. Furto/Roubo.....	18
1.5.4. Agressão e Agressividade.....	18
1.5.5. Consumo de Drogas	19
2. A Adolescência e os Valores Morais	19
2.1. A Adolescência.....	20
2.2. Valores Morais na Adolescência	21
2.3. Modelos de Valores Morais	22
2.3.1. Os Valores Segundo Piaget.....	22
2.3.2. Os Valores Segundo Kholberg	25
2.3.3. Os Valores Segundo Schwartz	29
3. Valores e Comportamentos Antissociais	33
4. Metodologia	36
4.1. Participantes	36
4.2. Instrumentos	37
4.3. Procedimento	39
4.4. Técnicas de Análise dos Resultados	40
5. Apresentação dos Resultados	41
5.1. Identificação dos Valores e Comportamentos Antissociais	42
5.2. Comparação entre Comportamentos Antissociais e Variáveis Sociodemográficas ..	43
5.3. Comparação entre Valores e Variáveis Sociodemográficas.....	46
5.4. Relação entre os Valores e Comportamentos Antissociais	48
6. Discussão dos Resultados	50
Reflexões Finais	59
Referências Bibliográficas	62
Anexos.....	71

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Estrutura dos Tipos Motivacionais	32
--	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Níveis e Estádios de Desenvolvimento Moral em Kohlberg	26
Tabela 2 - Tipos Motivacionais Propostos por Schwartz.....	31
Tabela 3 - Caracterização Sociodemográfica dos Participantes (N=190).....	32
Tabela 4 - Média de Respostas das Dimensões e Domínios do QVP-R	37
Tabela 5 - Média de Respostas nas Dimensões do CCA	42
Tabela 6 - Comparação entre os Comportamentos Antissociais e o Regime	43
Tabela 7 - Comparação entre os Comportamentos Antissociais e a Nacionalidade	44
Tabela 8 - Correlações entre os Comportamentos Antissociais e a Idade	45
Tabela 9 - Comparação entre os Comportamentos Antissociais e o NSE	45
Tabela 10 - Comparação entre os Valores Pessoais e o Regime	46
Tabela 11 - Comparação entre os Valores Pessoais e a Nacionalidade	47
Tabela 12 - Correlações entre os Valores Pessoais e a Idade	47
Tabela 13 - Comparação entre os Valores Pessoais e Nível Socioeconómico	48
Tabela 14 - Correlações entre os Valores Pessoais e Comportamentos Antissociais	49
Tabela 15 – Domínios Preditores dos Comportamentos Antissociais	50

INTRODUÇÃO GERAL

A adolescência tem sido estudada sob diversas perspetivas já que se constitui uma fase de desenvolvimento crucial, sendo que é nela que ocorrem fundamentais mutações a nível físico, psicológico, emocional, social e também moral (e.g., Formiga, 2006; Steinberg & Morris, 2001).

Durante este processo de desenvolvimento, a identificação e recurso a valores morais e pessoais enquanto guias da ação assumem particular relevância, nomeadamente no sentido de permitirem um desenvolvimento mais harmonioso e adequado à transição para a fase adulta (Prince-Gibson & Schwartz, 1998). Os valores humanos e morais assumem-se como balizadores das ações, pelo que a moralidade nos jovens se constitui numa preocupação marcante para os adultos em geral. Os pais, em particular, preocupam-se com os seus filhos, desejando e aspirando que estes evitem violar regras e leis e que apresentem comportamentos inadequados, mesmo quando não se encontram presentes (Fini, 1991). Os ambientes educacionais têm vindo a sublinhar a importância da moralidade na formação de cidadãos responsáveis e cooperantes dentro do contexto social, para que o sentido de justiça, de responsabilidade e de respeito entre as pessoas seja baseado na igualdade e solidariedade entre os homens (Kobayashi & Zane, 2007). Poucos, no entanto, são os estudos que têm sido conduzidos com amostras de adolescentes e que procuram analisar a relação entre os valores morais e as condutas antissociais (Liu et al., 2007). Concomitantemente, é importante compreender o papel dos contextos onde o adolescente se insere, quer seja em termos familiares ou escolares, já que estes contextos condicionam a forma como aquele percebe o mundo que o rodeia (Relvas, 2000).

É neste sentido que surge o presente trabalho, que tem como principal objetivo identificar os valores pessoais e os comportamentos antissociais dos adolescentes que se encontram em regime de internato e externato numa instituição escolar. Fazem parte dos objetivos específicos analisar a relação entre os valores pessoais e os comportamentos antissociais e comparar os valores dos adolescentes e os comportamentos antissociais em função do regime de frequência, nacionalidade, idade e nível socioeconómico (NSE)/estrato social.

O presente trabalho encontra-se estruturado em duas partes: a primeira parte integra a revisão bibliográfica realizada e constitui-se por três pontos: o primeiro aborda os comportamentos antissociais, sua definição e sua relação com a idade, nacionalidade

e NSE, bem como são descritos alguns tipos de comportamentos antissociais; no segundo ponto, caracteriza-se a adolescência enquanto fase de desenvolvimento, enquadrando-se nesta etapa a importância do desenvolvimento moral e apresentando-se os principais modelos de desenvolvimento moral na adolescência, nomeadamente os modelos propostos por Piaget, Kohlberg e Schwartz; o terceiro ponto apresenta alguns dos estudos que foram preconizados sobre os valores e os comportamentos antissociais.

A segunda parte deste trabalho integra o estudo empírico de natureza quantitativa, sendo constituída por três pontos. O primeiro ponto debruça-se sobre a metodologia, a caracterização dos participantes e dos instrumentos de recolha dos dados, bem como os procedimentos realizados e as técnicas de análise dos resultados. O segundo ponto apresenta os principais resultados obtidos ao nível descritivo e inferencial (diferencial e correlacional), tendo como linha de orientação os objetivos que foram inicialmente definidos. Por fim, no terceiro ponto, são discutidos os principais resultados encontrados, ancorando-nos nos diversos autores e investigações que integram a primeira parte do presente trabalho.

Concluimos esta dissertação com um resumo dos principais resultados obtidos e com algumas considerações finais que julgamos pertinentes relativamente aos adolescentes e ao desenvolvimento dos valores, procurando-se balançar os pontos fortes e as limitações do presente trabalho. São igualmente apresentadas algumas linhas de orientação para investigações futuras neste âmbito.

1. COMPORTAMENTOS ANTISOCIAIS

Os comportamentos antissociais são comportamentos que se desviam da norma, isto é, daquilo que se espera em termos sociais e culturais. Trata-se de um conceito multifacetado, na medida em que aqui se inserem todo o tipo de comportamento com intensidades e severidades variadas (e.g., Kazdin & Buela-Casal, 2002; Martins, 2005; Mirón, 1990). Por conseguinte, são múltiplos os comportamentos antissociais que os adolescentes podem empreender, como confronto direto às normas sociais, escolares e familiares. Neste ponto, apresentamos as definições de vários autores sobre os comportamentos antissociais, fazemos a relação entre os comportamentos antissociais, a idade, a nacionalidade e o NSE e são descritos, resumidamente, alguns tipos de comportamentos antissociais, nomeadamente a conduta contra normas, o vandalismo, o roubo, a agressão e o consumo de drogas.

1.1. COMPORTAMENTOS ANTISOCIAIS: DEFINIÇÃO

De acordo com a perspectiva psicológica e psiquiátrica, os comportamentos antissociais são tidos como um padrão estável de desrespeito pelos direitos dos outros ou de violações das normas sociais, próprias de uma determinada comunidade. Assim, nesta definição tão abrangente podemos encontrar problemas de comportamento muito diversos, desde oposição e mentira, até crimes graves que estão contemplados no código criminal (Fonseca, 2004). Os comportamentos antissociais fazem referência, portanto, a uma diversidade de atos que violam as normas sociais e os direitos dos outros (e.g., agressão, roubo, vandalismo, mentira, piromania, fugas de casa). Trata-se de um conceito bastante ambíguo e emprega-se para fazer referência a um amplo conjunto de comportamentos sem os delimitar (Kazdin & Buela-Casal, 2002). Por conseguinte e tal como diversos autores assinalam (e.g., Deater-Deckard & Plomin, 1999; Fonseca, 1993, 2004; Pettit, Laird, Dodge, Bates, & Criss, 2001), os comportamentos antissociais podem ser descritos num contínuo desde os menos graves (problemas de comportamento) até aos de maior gravidade. Quando abordamos os comportamentos antissociais sob o ponto de vista psicológico, é necessário ter-se assim em consideração determinadas características desses comportamentos (e.g., frequência, intensidade, gravidade, duração, significado, topografia e cronicidade), tal como advogam Peña Fernández e Graña Gómez (2006). Assim sendo, a análise dos comportamentos antissociais implica, necessariamente, uma análise de relativismo e de amplitude, sendo que a idade durante a qual se perpetram tais condutas se assume como uma característica comum (Mirón, 1990). Os comportamentos antissociais distinguem-se dos comportamentos de delinquência, uma vez que podem ou não decorrer da violação da lei, enquanto nos segundos existe sempre essa violação (e.g., Pacheco & Hutz, 2009; Teixeira, 2000). Por conseguinte, é a severidade do ato que define a natureza dos comportamentos antissociais e os distingue quantitativa e qualitativamente de outros comportamentos que aparecem durante a adolescência (e.g., Coie & Dodge, 1998; Kazdin & Buela-Casal, 2002; Loeber & Hay, 1997; Loeber, & Stouthamer-Loeber, 1998). Ainda assim, todas as formas de comportamento antissocial partilham a característica comum de que são experienciadas como aversivas, disruptivas ou desagradáveis quer pelas vítimas quer por aqueles que são próximos dos que as cometem (e.g., Dishion & Patterson, 2006; Lummertz, 1997). Para Teixeira (2000), os comportamentos antissociais possuem em comum a *“tendência para confrontar os indivíduos com situações nas quais devem escolher entre satisfazer alguma das*

necessidades imediatas ou salvaguardar o bem-estar de outros” (p. 20). Em função da tónica ser colocada num extremo ou no outro deste contínuo relacional, assim o comportamento pode ser classificado como antissocial ou prossocial. Neste sentido e tal como Farzard (1999) assinala, um indivíduo com comportamentos antissociais é um estranho à sociedade, pelo que pode ser visto como um *outsider*, já que se afasta estatisticamente da média relativamente ao comportamento esperado.

Por outro lado, importa referir que quando os jovens se envolvem em comportamentos antissociais, normalmente estes encontram-se relacionados e dificilmente se desenvolvem isoladamente. Isto significa, por exemplo, que para além de condutas contra normas, os jovens podem praticar atos de vandalismo ou ter comportamentos agressivos e/ou ainda consumirem drogas. No estudo de Formiga (2006) constatou-se a existência de correlações entre as condutas antissociais e delitivas, bem como as desviantes, o que acaba por ir ao encontro da ideia supramencionada, isto é, da interdependência entre as diversas condutas antissociais.

1.2. COMPORTAMENTOS ANTISOCIAIS E IDADE

Investigações diversas têm vindo a confirmar que é na adolescência que se manifestam os primeiros comportamentos antissociais, pois trata-se de uma fase de desenvolvimento na qual emergem sentimentos contraditórios relativos ao *self* e aos outros, uma etapa essencialmente marcada pela curiosidade, autonomia e desejo de independência (e.g., Formiga & Gouveia, 2005; Hidalgo Vicario & Júdez Gutiérrez, 2007; Hidalgo Vicario & Redondo Romero, 2005; Kulig, 2005; Martins, 2005; Mirón, 1990). No entanto, há autores (e.g., Coie, 1996; Matos, 1996) que referem que para se analisarem os comportamentos antissociais dos adolescentes é necessário analisar-se o seu início durante a infância, pois é aqui que eles começam a ser visíveis. Ambas estas perspetivas parecem corresponder à realidade, se atendermos por exemplo aos pressupostos teóricos de Frechette e LeBlanc (1987) e de Moffitt (1993).

Assim, tal como Frechette e LeBlanc (1987) assinalam, existem duas modalidades de expressão do comportamento antissocial: uma delinquência regressiva que se caracteriza por um carácter transitório e efémero, uma vez que desaparece na segunda metade da adolescência, definindo-se como comportamentos de tentativa e de erros ou como ritual de passagem, pelo que não impede o jovem de atingir um nível satisfatório de adaptação social; uma delinquência extensiva que se caracteriza por atos delinquentes

com início precoce, que persistem e se desenvolvem segundo um processo específico de agravamento, exprimindo um modo de funcionamento dissocial.

Também Moffitt (1993) efetua uma diferenciação entre o comportamento antissocial que se limita à adolescência e aquele que persiste ao longo da vida. O primeiro caracteriza-se por um início na adolescência devido a interesses materiais, de prestígio ou de adesão a um grupo e que declina após o processo de maturidade alcançado pelos jovens ao longo do seu desenvolvimento, com o qual possuem maior consciência dos riscos e custos associados a este tipo de condutas e ao estabelecimento dos compromissos inerentes a esta fase, modificando o seu comportamento. O segundo caracteriza-se pela sua natureza persistente, sendo que os comportamentos antissociais já se encontram presentes na infância, mantendo-se para além do final da adolescência e terminando em percursos desviantes.

Assim sendo, a continuidade caracteriza os indivíduos que manifestam uma tendência para a atividade antissocial persistente e a descontinuidade refere-se a uma atividade antissocial restritiva à fase da adolescência (Negreiros, 2008). Estudos longitudinais que procuraram identificar os fatores associados a cada um dos dois tipos de comportamento mostram que os comportamentos antissociais relativos à adolescência se encontram associados à influência do grupo de pares, enquanto os comportamentos antissociais persistentes, a fatores individuais e familiares (Fonseca, 2000, 2004).

Na verdade, para muitos adolescentes os comportamentos antissociais são necessários ao desenvolvimento e aprendizagem, sendo uma forma de aquisição de novas forma de socialização (Serra, 2006), pelo que faltar às aulas, beber bebidas alcoólicas, fugir de casa, consumir drogas, entre outros, são próprias da idade de descoberta.

Apesar destas duas posições relativamente à idade de emergência dos comportamentos antissociais, estudos mostram que o pico etário dos comportamentos antissociais se encontra por volta dos 17/18 anos (e.g., Borduin & Schaeffer, 1998; Loeber, Farrington, & Petechuck, 2003; Negreiros, 2001; Teixeira, 2000) e que apesar dos atos de menor gravidade se encontrarem disseminados entre os jovens, os atos de índole mais grave são perpetrados por uma diminuta parcela de adolescentes (e.g., Braga, 2013; Breen, Manning, O'Donnell, O'Mahony, & Seymour, 2010; Farrington et al., 2006; Flood-Page, Campbell, Harrington, & Miller, 2000; Gatti, Fossa, Lusetti, Marugo, Russo, & Traverso, 1994; Gersão & Lisboa, 1994; Mendes & Carvalho, 2010).

1.3. COMPORTAMENTOS ANTISOCIAIS E NACIONALIDADE

Ao considerarmos a relação entre os comportamentos antissociais e a nacionalidade, constatamos uma escassez de estudos em Portugal que abordem esta relação. A maioria dos estudos encontrados aponta para jovens que habitam em bairros (guetos), com famílias desestruturadas, com ausência de apoios sociais e educativos adequados, desenraizamento cultural, dificuldades de acesso à cidadania portuguesa, entre outros (Borrelli, 1995). Apesar da escassez de estudos, foi possível encontrarmos informações relativas à imigração de jovens africanos em Portugal, que nos parecem pertinentes serem mencionadas.

Assim, Borrelli (1995) assinala que a grande parte das investigações realizadas em Portugal por organismos privados e entidades públicas sobre jovens de rua e delinquência, mostram que alguns deles nascem do fenómeno migratório, muitos encontram-se afastados das suas famílias de origem e, grande parte vive em zonas suburbanas. Nos estudos realizados por este autor, verifica-se que a maioria dos jovens pertence ao sexo masculino, maioritariamente nasceram em Portugal, sendo que uma grande parte provém de Angola, Guiné e Cabo Verde e todos eles caracterizam-se pela separação (definitiva ou momentânea) dos seus progenitores.

Fontes (s.d.)¹ refere que os jovens negros não se identificam com os portugueses, apesar de a sua maioria já ter nascido em Portugal (26%) ou viver em Portugal há mais de 10 anos (25%). Os resultados escolares dos africanos são, em geral, inferiores aos dos portugueses nas mesmas escolas, talvez devido à sua precária integração social e cultural. Segundo a mesma fonte, uma das causas de muitos dos problemas sociais dos jovens africanos encontra-se na ausência de um verdadeiro suporte familiar. Milhares de crianças e de jovens são abandonados pelos pais, tornando-se presas fáceis para os grupos marginais que operam nos bairros degradados de Lisboa e arredores. Uma grande maioria dos jovens africanos (80%) considera-se discriminada no acesso ao consumo, mas sobretudo na forma como são tratados nos estabelecimentos de saúde, escolas, tribunais, etc. Por conseguinte, as novas gerações já nascidas em Portugal procuram diversas formas para a sua afirmação cultural, marcada pela contestação violenta da sociedade, acabando por degenerar no vandalismo e no crime. Por isso, tornou-se comum verem-se grupos de jovens africanos envolvidos em situações de criminalidade organizada: vandalismo, tráfico de droga, roubos, entre outros.

¹ Retirado de <http://imigrantes.no.sapo.pt/page2Africanos.html>

1.4. COMPORTAMENTOS ANTSSOCIAIS E NÍVEL SOCIOECONÓMICO

Se, há uns anos atrás, o NSE não suscitava qualquer tipo de divergência na comunidade científica enquanto variável condicionadora dos comportamentos antissociais, hoje em dia essa controvérsia é passível de ser observada em alguns estudos (e.g., Formiga & Gouveia, 2005; Knutson, DeGarmo, & Reid, 2004). Estudos relevantes neste âmbito assinalam que os jovens oriundos de classes sociais desfavorecidas, tanto económica como culturalmente, possuem maior tendência para se envolverem em comportamentos antissociais e de delinquência (e.g., Martins, 2005; Mirón, 1990; Peiser & Heaven, 1996). Todavia outros estudos sublinham a existência de jovens envolvidos em comportamentos antissociais oriundos de famílias pertencentes a classes sociais médias e altas (e.g., Farrington, Jolliffe, Loeber, Stouthamer-Loeber, & Kalb, 2001; Formiga & Gouveia, 2005; MacCrystal, Higgins, & Percy, 2006; Smith & Farrington, 2004), o que acaba por contrariar os dados das investigações anteriores. De facto, quando os investigadores começaram a utilizar medidas de autorrelato dos atos delituosos dos próprios transgressores, constataram que os comportamentos antissociais se produzem em todas as classes sociais e que a classe social mais baixa estaria mais relacionada com a institucionalização do que com a transgressão em si mesma (e.g., Bender & Losel, 1997; Fonseca, Simões, Rebelo, Ferreira, & Cardoso, 1995). Seria, portanto, mais provável que fossem os sujeitos das classes sociais mais desfavorecidas, pertencentes a minorias étnicas, raciais e sociais os mais rapidamente detidos e julgados como culpados, uma vez que são estes que possuem uma maior probabilidade de “chamar a atenção” dos agentes de segurança e de serem institucionalizados devido à escassez dos recursos perante a atuação da justiça (Carr & Vandiver, 2001).

Existem, por conseguinte, outros fatores que estão associados ao NSE que acabam por condicionar o envolvimento em comportamentos antissociais, como ser proveniente de famílias com escassos recursos, provir de famílias numerosas, com pais cujas práticas educativas são consideradas insatisfatórias e ter familiares próximos com registo criminal (e.g., Carneiro, Berites, Rodrigues, & Garrinhas, 1997; Farrington et al., 2001; Fonseca, 1992).

Assim, é possível afirmar que os comportamentos antissociais e de delinquência se encontram distribuídos por todo o conjunto da estrutura social, pelo que a relação entre estes comportamentos e o NSE não se apresenta simples, linear e direta como possa parecer (Mirón, 1990). O facto de os adolescentes pertencentes a qualquer classe social se poderem envolver em comportamentos antissociais exige uma nova reflexão

acerca dos jovens da atualidade. Na verdade, as mudanças culturais que se têm vindo a observar nas sociedades ocidentais, associadas ao desenvolvimento de atitudes individualistas, a procura de prestígio a qualquer custo e a emergência de diferentes necessidades no seio dos jovens atuais, como a procura de novas sensações, prazeres e satisfação, são algumas das justificações para estes dados (e.g., Formiga, 2006; Formiga & Gouveia, 2005). Nesta linha de pensamento, atualmente, é limitado analisar a relação dos comportamentos antissociais com indicadores de pobreza, personalidade, orientação escolar e familiar, já que os comportamentos antissociais parecem ser legitimados pela procura de novas experiências, de prazer e emoção, saída da monotonia, entre outros (Formiga, 2006).

1.5. TIPOS DE COMPORTAMENTOS ANTSSOCIAIS

No presente estudo, seguiremos de perto a visão dos comportamentos antissociais proposta por Martins (2005), uma vez que esta constitui o pressuposto teórico do instrumento que utilizaremos na recolha dos dados. Neste sentido, Martins (2005) e também de Mirón (1990), assinalam que os comportamentos antissociais mais frequentes nos jovens podem ser agrupados em cinco grandes categorias: condutas contra normas, vandalismo, furto/roubo, agressão e consumo de drogas, que a seguir se descrevem.

1.5.1. CONDUTAS CONTRA NORMAS

Na categoria das condutas contra normas podem-se incluir diversos tipos de desvio, como por exemplo, fumar e beber antes de uma determinada idade, fugir de casa, cometer pequenos furtos (e.g., artigos escolares, cigarros a colegas), entre outros. Este tipo de condutas pode estar presente em grande parte dos jovens, sobretudo no início da adolescência. Tal como refere Martins (2005), há muitos jovens que não possuem consciência destes atos enquanto delitos, uma vez que ora não os consideram como tal ora não lhes conferem a devida importância.

Na verdade, a perigosidade destas condutas, segundo Martins (2005), é reduzida na medida em que se encontram quase sempre isentas de qualquer tipo de violência associada. Por outro lado, não existe qualquer tipo de preparação deste tipo de delitos e quando existe é diminuta. Na perspetiva de Mirón (1990), muitos destes atos inserem-se naquilo que se designa de delitos de estatuto, isto é, comportamentos em que é a idade em que o ato é cometido que lhes confere um caráter de infração.

1.5.2. VANDALISMO

Os atos de vandalismo ocupam uma outra categoria das condutas antissociais. São atos públicos reprováveis, que integram a danificação da propriedade, incêndios, destruição de objetos, entre outros (e.g., Andújar Martínez, 2007; Herrero, Ordóñez, Salas, & Colom, 2002). O vandalismo pode ser tido como a expressão de um *acting out* de grupo, onde está presente a adrenalina e a excitação e onde a natureza impulsiva ou oportunista toma lugar, atingindo esta conduta um número bastante acentuado de indivíduos (e.g., Martins, 2005; Mirón, 1990). Ainda segundo Martins (2005), os atos de vandalismo não ocorrem de forma isolada, isto é, são atos que normalmente são cometidos com a presença de cúmplices, sendo que o número médio de participantes poderá rondar os três ou quatro, tendo todos sensivelmente a mesma idade.

1.5.3. FURTO/ROUBO

O furto/roubo constitui-se numa outra categoria dos comportamentos antissociais, detendo uma perspetiva muito materialista. O furto/roubo é visto como um comportamento antissocial dirigido unicamente contra os bens do outro (Andújar Martínez, 2007). Grande parte destes comportamentos é realizado sem qualquer tipo de contacto com a vítima, como é por exemplo o caso de furtos de veículos, de lojas, casas, entre outros (Herrero et al., 2002).

Na perspetiva de Martins (2005), o comportamento mais evidente refere-se ao furto por arrombamento, uma conduta antissocial que normalmente é operada em grupo. Estes grupos atuam acompanhados, preparando e planeando os delitos de um modo regular, sendo visível uma organização e preparação prévias. Por conseguinte, infere-se que o furto/roubo não se assume como um ato isolado, implicando a presença de cúmplices, sendo que o seu número oscila entre um a três indivíduos.

1.5.4. AGRESSÃO E AGRESSIVIDADE

Nesta categoria estão presentes ações preconizadas a terceiros. Porque se tratam de ações singulares, a sua rentabilidade material é normalmente baixa (Herrero et al., 2002). Planella (1997) refere que a agressão existe quando *“numa dada situação de interação, um ou mais atores atuam, de maneira, direta ou indireta, juntos ou isolados, provocando prejuízos a uma pessoa ou a um grupo, a diferentes níveis, quer contra a sua integridade física, quer contra a sua integridade moral, quer contra os seus bens, quer nas suas participações simbólicas e culturais”* (p. 87).

Segundo Martins (2005) podem ser definidos dois tipos de agressores: (a) os que agredem de modo controlado e até racional (isto é, que utilizam a agressão de forma intencional); (b) os que agredem de forma impulsiva, explosiva e sem racionalidade aparente.

Apesar da agressão e agressividade se encontrarem associadas à adolescência, o seu início normalmente ocorre em etapas anteriores do desenvolvimento (e.g., Peña Fernández & Graña Gómez, 2006; Teixeira, 2000). Neste sentido, muitas crianças em idade pré-escolar apresentam já comportamentos, física e verbalmente agressivos, tais como birras sem motivo, que funcionam como atos agressivos do tipo instrumental.

1.5.5. CONSUMO DE DROGAS

Dentro desta categoria encontram-se infrações relativas ao consumo e tráfico de drogas (e.g., Martins, 2005; Mirón, 1990). O consumo de drogas constitui-se num fenómeno complexo, pelo que é importante compreender os fatores de risco e de proteção existentes, que tornam determinados adolescentes mais vulneráveis à experimentação de drogas do que outros (Hidalgo Vicario & Redondo Romero, 2005). Regra geral, são diversas as razões subjacentes ao consumo de drogas, sendo que se destacam o sentirem-se adultos, serem aceites, socialização, experimentação, sentir prazer, por rebeldia, para satisfazer a sua curiosidade, aliviar a ansiedade, depressão, stresse ou aborrecimento e como forma de resolução de problemas pessoais (Hidalgo Vicario & Júdez Gutiérrez, 2007).

Grande parte dos jovens que experimentam drogas pode não avançar para níveis graves de dependência, no entanto, há uma outra percentagem relevante que acaba por apresentar comportamentos de dependência (e.g., Karnik, McMullin, & Steiner, 2006; Kulig, 2005). O consumo e abuso de drogas alteram as dinâmicas relacionais e sociais, conduzindo, muitas vezes, a comportamentos violentos, a roubos e furtos, ao tráfico de drogas, comportamentos de intimidação, entre outros (e.g., Martins, 2005; Mirón, 1990; Negreiros, 2001).

2. A ADOLESCÊNCIA E OS VALORES MORAIS

A adolescência tem sido vista como uma fase de desenvolvimento na qual ocorrem transformações decisivas, que marcam a passagem para a fase adulta. Essas transformações ocorrem ao nível biológico, psicológico, social, cognitivo e moral. Nesta linha de pensamento, é importante analisar os valores morais dos adolescentes,

que conduzem e guiam a sua vida. Assim, este ponto, procura enquadrar os valores morais no desenvolvimento dos adolescentes, iniciando-se com uma breve referência a aspetos relativos ao desenvolvimento nesta fase. Posteriormente, aborda-se o desenvolvimento moral sob a perspetiva de autores como Piaget, Kohlberg e Schwartz.

2.1. A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é vista como uma fase de desenvolvimento pela qual todos temos que passar até chegarmos à idade adulta (e.g., Brasil, Mitsui, Pereira & Alves, 2000; Coslin, 2009). Segundo a Organização Mundial de Saúde² (WHO, 2000), a adolescência é definida como um período biopsicossocial, em que ocorrem modificações corporais e de adaptação a novas estruturas psicológicas e ambientais, que conduzem o indivíduo da infância à idade adulta. Os seus limites cronológicos, de acordo com esta mesma organização, variam entre os 10 e os 19 anos de idade, sendo que entre os 15 e os 24 anos de idade se encontram os jovens. Algumas dessas mudanças remetem-nos para os aspetos físicos, biológicos, corporais e hormonais típicos da puberdade (e.g., Sampaio, 1996; Steinberg & Morris, 2001); para os aspetos psicológicos e sociais, sendo que a família, a escola e o grupo de pares se assumem como fundamentais durante este período (Cloutier & Drapeau, 2008); outras para os aspetos cognitivos, nos quais sublinhamos o processo de identidade (Cabié & Gammer, 1999) e de individuação/autonomia (Coslin, 2009) e para os aspetos morais, já que a moralidade acompanha o processo de desenvolvimento do indivíduo, desde a sua nascença (Lourenço, 2002).

Stanley Hall, considerado como um grande investigador da adolescência (cit. por Sprinthall & Collins, 2000), encarava-a como um importante estágio da evolução humana. Para este autor, a adolescência era um novo nascimento, uma fase maleável em que o adolescente poderia atravessar todos os estádios anteriores e alcançar novos auge de desenvolvimento, assumindo-se como um período suscetível de modificar o curso da vida futura. Por conseguinte, constitui-se num momento em que se determinam as regras sociais e em que os valores se formam, segundo uma nova capacidade de raciocínio e de estabelecimento de relações interpessoais (Coslin, 2009).

² World Health Organization

2.2. VALORES MORAIS NA ADOLESCÊNCIA

Falar em valores é, antes de mais, falar no respeito por certas normas e princípios que são sociais por um lado, e prescritivos ou normativos, por outro. Na verdade, parece que uma das características fundamentais da moralidade é ser prescritiva, normativa e generalizável, encontrando-se mais ligada ao domínio do *dever* que ao domínio do *ser* (Sprinthall & Collins, 2000).

O desenvolvimento moral nos adolescentes pode ser abordado quer como um sistema cognitivo de regras (isto é, de organização cognitiva conducente a determinar o que é bom para fazer, distinguindo, de um lado o dever e, do outro, o bem e o mal), quer um sistema social de regras, determinando os seus modos de vida, comportamentos e costumes. A conduta moral pode, portanto, ser considerada como um compromisso com a conformidade associada à capacidade de decisão e de livre arbítrio, que postulam a interiorização e a negociação de regras desde o início da adolescência (Coslin, 2009).

Embora os sistemas de valores sejam relativamente estáveis, é necessário compreender que podem sofrer mudanças que decorrem de acontecimentos pessoais e sociais e da ação que os diferentes contextos exercem sobre a vida humana (Bilsky & Schwartz, 1994). Estas mudanças originam novos padrões de resposta comportamental, afetiva e cognitiva e alterações ao nível dos sistemas de valores em todas as pessoas, em função da sua idade (e.g., Fonseca, 1999; Schein, 1997). Na perspetiva de Figueiredo (1991), as mudanças individuais nos sistemas de valores estão relacionadas com as diferenças no desenvolvimento intelectual, no grau de internalização dos valores culturais e institucionais, na identificação com os papéis sexuais, na identificação política e na própria crença religiosa. Estão, por isso, associados aos processos de socialização e de aprendizagem, já que os valores diferenciam-se em função das experiências pessoais e dos processos de socialização (Prince-Gibson & Schwartz, 1998).

Ao abordar os valores humanos, Rokeach (1976) propõe a sua natureza dinâmica e determinante nas atitudes e nos comportamentos, permitindo-nos ter uma visão explicativa mais abrangente, analítica e económica perante as semelhanças e diferenças entre as pessoas, grupos e culturas. O autor identifica duas grandes funções nos valores: uma função normativa, que rege a conduta do indivíduo e, uma função motivacional, que expressa a luta que cada indivíduo trava para alcançar os objetivos propostos.

Podemos assumir que existem diversas perspetivas sobre os processos de desenvolvimento dos valores humanos, sendo que é unânime aceitar-se a existência de

determinantes ecológicas e situacionais no seu desenvolvimento, definindo os valores como orientações (no sentido do preferível ou desejável) que expressam a relação entre as pressões ambientais e os desejos humanos (Fonseca, 1999).

Em suma, ao considerarmos que os valores morais reconhecem mudanças ao longo do desenvolvimento do indivíduo, tal como assinalam Bilsky e Schwartz (1994), entendemos ser pertinente, no presente estudo, analisar essa mesma mudança ao termos em consideração a sua relação com a idade dos adolescentes. Da mesma forma, essa mudança de valores ocorre numa relação dinâmica, tal como referem alguns autores (Prince-Gibson & Schwartz, 1998; Rokeach, 1976), pelo que as variáveis contextuais presentes no desenvolvimento dos adolescentes não podem ser negligenciadas. Assim, a escola (nomeadamente o regime de frequência), a família (e em específico o NSE) e a cultura (neste contexto analisada através da nacionalidade), assumem uma particular relevância no presente estudo.

2.3. MODELOS DE VALORES MORAIS

A questão dos valores e da moralidade tem sido abordada sob diversas perspetivas teóricas bastante diferentes. As três perspetivas mais conhecidas são a psicanalítica, que tende a realçar a componente emocional da moralidade; a teoria da aprendizagem social, que acentua a componente comportamental da moralidade; e a abordagem estrutural-construtivista, também designada de cognitivo-desenvolvimentista, que tende a salientar a componente cognitiva da moralidade (Lourenço, 2002). É com base nesta última perspetiva que apresentamos as três teorias mais desenvolvidas na literatura, nomeadamente a de Piaget (1994), Kohlberg (cit. por Ruiz, 2003) e Schwartz (1992), que procuram fornecer informações relevantes na compreensão do desenvolvimento moral.

2.3.1. OS VALORES SEGUNDO PIAGET

Piaget (1954, cit. por Araújo, 2011; Gallego & Becker, 2008), ao abordar os valores, refere-se a uma troca afetiva que o indivíduo realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Para este autor, os valores e as avaliações que realizamos no quotidiano enquadram-se na afetividade geral, sendo que o valor é o resultado (isto é, é construído a partir das projeções afetivas que o indivíduo realiza relativamente aos objetos ou pessoas). Esta aceção mostra a natureza construtivista aportada por Piaget aos valores, já que estes são construídos nas interações que se operam no dia-a-dia do

indivíduo. Assim, os valores não estão predeterminados e não são simples internalizações realizadas pelo indivíduo, mas resultam das ações do indivíduo sobre o mundo objetivo e subjetivo em que se encontra inserido (e.g., Araújo, 2011; Carlo & Koller, 1998; Fini, 1991; Gallego & Becker, 2008).

Na verdade, é esta natureza dinâmica que é conferida ao indivíduo que ajuda a compreender a razão pela qual duas pessoas que vivem num ambiente comum podem construir valores diferentes. À medida que o indivíduo se desenvolve, vai construindo e organizando um sistema de valores que lhe permitem não só a identificação das pessoas com quem interage, mas também a representação de si próprio (e.g., Fini, 1991; Gallego & Becker, 2008).

Para Piaget (1994), os valores constituem-se num sistema de regulações mais estável e amplo que leva os indivíduos a definir normas de ação que serão organizadas em escalas normativas de valores e, de certa forma, forçarão a sua consciência a agir de acordo com elas. A preocupação de Piaget remete-nos para o julgamento moral com os processos cognitivos subjacentes (e.g., Carlo & Koller, 1998; Fini, 1991; Gallego & Becker, 2008; Kobayashi & Zane, 2007).

Piaget (1994) estudou o desenvolvimento moral a partir de entrevistas e de observações a crianças em jogos de regras. Este investigador acreditava, assim, que mesmo antes de as crianças brincarem já tinham sido submetidas a regras parentais e estavam, portanto, conscientes de certas obrigações o que acabaria por influenciar a elaboração das regras do jogo, que funcionavam como regras morais, transmitidas de geração em geração. Assim, Piaget (1994) sublinhou que existem diferenças nas regras das crianças com idades distintas, podendo ser analisadas em 4 estádios de desenvolvimento nos quais sobressaem três fases de desenvolvimento moral, nomeadamente a anomia, a heteronomia e a autonomia moral. A divisão em estádios do desenvolvimento não é estanque, dependendo do desenvolvimento moral de cada indivíduo.

Por conseguinte, Piaget (1994) assinala que no 1º estádio de desenvolvimento moral (usualmente visível nas crianças até 2 anos) as crianças apenas jogam, não havendo nenhuma regra, pois não há consciência destas. No 2º estádio (caraterístico das crianças dos 2 aos 6 anos) a criança observa os mais velhos e começa a imitá-los. Ela percebe que existem regras que regulam as atividades e consideram-nas como invioláveis. Nesta fase, no entanto, a criança joga sozinha, pois ainda tem uma atividade egocêntrica, mesmo que esteja a jogar com os colegas. Estes dois estádios são

considerados de **anomia** moral, que é caracterizada pelo facto de a moral não existir, uma vez que as normas de conduta são determinadas pelas necessidades básicas. As regras são obedecidas e seguidas pelo hábito e não por uma consciência daquilo que é certo ou errado. Esta fase, no indivíduo jovem ou adulto, caracteriza-se pelo não cumprimento das leis e das normas.

No 3º estágio de desenvolvimento (típico das crianças entre os 7 e os 10 anos), **heteronomia**, há apenas o respeito pela autoridade. Não há consciência nem reflexão, apenas obediência. Aquilo que é certo, cinge-se ao cumprimento da regra e qualquer interpretação diferente desta, não corresponde a uma atitude correta. Neste sentido, a responsabilidade pelos atos é avaliada em função das consequências objetivas das ações e não pelas intenções. O indivíduo obedece às normas por medo da punição. Na ausência de autoridade ocorre a desordem e a indisciplina (e.g., Piaget, 1994).

Por fim, o 4º estágio (usualmente entre 11 e 12 anos) assinala a passagem para a autonomia moral, caracterizada pela legitimação das regras. O adolescente desenvolve a capacidade de raciocinar de forma abstrata e as regras já são bem assimiladas. O indivíduo adquire a consciência moral, possui princípios éticos e morais. Os deveres são cumpridos com consciência da sua necessidade e significação, mantendo-se na ausência da autoridade. A responsabilidade pelos atos é proporcional à intenção e não apenas pelas consequências do seu ato (Piaget, 1994). Assim, o indivíduo possui princípios éticos e morais e é responsável, autodisciplinado e justo. Segundo Piaget, nesta fase, o propósito e consequências das regras são consideradas pelo indivíduo e a obrigação baseia-se na reciprocidade. O indivíduo percebe as regras como estabelecidas e mantidas pelo consenso social (e.g., Carlo & Koller, 1998; Fini, 1991; Gallego & Becker, 2008). Piaget (1994) assume essa moral autónoma como detentora de cinco características: (a) o bem, que é assimilado à ação desenvolvida de acordo com os requisitos de cooperação e de respeito mútuo; (b) o mal, que é perspectivado como relativo às intenções do autor; (c) a justiça, que é definida como o tratamento igual ou a tomada de consideração das necessidades individuais; (d) o castigo que é afetado pela decisão humana e; (e) a justiça do castigo, definida pela sua apropriação à ofensa.

Em suma, podemos dizer que Piaget (1994) considera que estas fases se constituem num processo que se repete sempre que há um novo conjunto de regras ou quando há um plano novo de consciência e de reflexão, que é o que acontece durante o processo de desenvolvimento do adolescente. Para o autor, é necessário construir uma moral autónoma, fundada nas relações de reciprocidade e de respeito mútuo. Neste

sentido, a autonomia deve ser o objetivo de toda a educação moral. O indivíduo autónomo é aquele que faz o que acha certo ou de acordo com as suas próprias ideias, tomando em consideração os outros, uma vez que existem regras que devem ter um acordo implícito das partes.

Os estudos realizados por Piaget (cit. por Martins & Branco, 2001) permitiram mostrar uma relação de dependência entre o desenvolvimento moral e a capacidade cognitiva, sendo que o desenvolvimento moral é tido como flexível nas crianças, quando estas realizam operações de descentração e coordenações cognitivas entre o seu ponto de vista e o das outras pessoas. O desenvolvimento moral é aqui entendido como a expressão de um dos aspetos da organização estrutural da cognição, propondo a existência de critérios que se aplicariam universalmente aos aspetos cognitivos e sociais do desenvolvimento humano.

A perspetiva de Piaget foi seguida de perto por Kohlberg (e.g., Ruiz, 2003), tendo este autor aprofundado o pensamento de Piaget, nomeadamente ao redefinir os estágios de julgamento moral propostos por Piaget.

2.3.2. OS VALORES SEGUNDO KHLBERG

Na tentativa de compreender o desenvolvimento moral, Kohlberg realizou uma ampla pesquisa com crianças e jovens dos Estados Unidos da América, México, China, Turquia e Malásia (e.g., Carlo & Koller, 1998; Fini, 1991). A partir dos dados apresentados por Piaget, Kohlberg (cit. por Fini, 1991; Ruiz, 2003) apresentou a grupos de jovens (dos 10 aos 16 anos) um conjunto de dilemas morais hipotéticos para que estes os analisassem. A cada um era solicitado um julgamento acerca dos dilemas apresentados, bem como a apresentação de justificações para as respostas concedidas. Neste processo, o investigador teve o cuidado de deixar os jovens à vontade para responderem livremente e para fazerem questões, no sentido de procurarem respostas adicionais com vista a um maior esclarecimento relativamente às justificações que poderiam ser concedidas. Em seguida, Kohlberg analisava e categorizava as informações obtidas, considerando o valor moral intrínseco e os argumentos apresentados pelos jovens. Não existia uma solução claramente correta ou incorreta para os dilemas, tal como sugerem De Vries e Zan (1998); Kohlberg examinou os argumentos dos indivíduos e concluiu que as pessoas podem defender a mesma ação por razões muito diferentes, que representam estádios de raciocínio diferentes.

Kohlberg (cit. por Ruiz, 2003) acreditava, tal como Piaget, que o desenvolvimento moral estava intimamente relacionado com o desenvolvimento cognitivo. No entanto, Kohlberg considerava que a mudança da moralidade heterónoma para a autónoma se processava de forma mais complexa. Neste sentido, Kohlberg (cit. por Carlo & Koller, 1998; Lüdecke-Plümer, 2007), considerou a existência de estádios com início por volta dos 2/6 anos de idade estendendo-se até à idade adulta. Esses estádios encontram-se divididos por três níveis de desenvolvimento (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Níveis e Estádios de Desenvolvimento Moral em Kohlberg

Níveis	Estádios
Nível I - Pré-convencional (normalmente dos 2 aos 6 anos)	Estádio 1 - Orientação para a punição e a obediência
	Estádio 2 - Hedonismo instrumental relativista
Nível II - Convencional (usualmente na idade escolar)	Estádio 3 - Moralidade do bom sujeito, da aprovação social e das relações interpessoais
	Estádio 4 - Orientação para a lei e a ordem, autoridade mantendo a moralidade
Nível III - Pós-convencional (típico da adolescência)	Estádio 5 - A orientação para o contrato social democrático
	Estádio 6 - Princípios universais de consciência

Ao observarmos a Tabela 1 podemos dizer que o **nível pré-convencional** corresponde, globalmente, à moralidade heterónoma proposta por Piaget. Neste nível, a criança interpreta as questões do certo e do errado, do bom e do mau em termos de consequências físicas ou hedonistas da ação. Toda a ação punida é vista como sendo má e toda a ação reforçada positivamente é moralmente correta. Portanto, este nível de moralidade está reduzido a um conjunto de normas externas a que se obedece para se evitar o castigo ou punição. No Estádio 1 (*Orientação para a punição e a obediência*) existe uma orientação moral (para a punição e obediência), uma justificação dos julgamentos (evitar o castigo e o exercício do poder superior que as autoridades têm sobre o indivíduo) e uma perspetiva sociomoral (já que não distingue nem coordena perspetivas; apenas existe uma perspetiva correta que pertence à autoridade). Por sua vez, no Estádio 2 (*Hedonismo instrumental relativista*) a orientação moral é calculista, instrumental, uma pura troca, hedonista e pragmática; as justificações dos julgamentos remetem-nos para servir as necessidades e interesses próprios num mundo em que há outras pessoas com os mesmos interesses (e.g., Carlo & Koller, 1998; Fini, 1991; Lüdecke-Plümer, 2007; Ruiz, 2003).

No nível **convencional**, o justo e o injusto não confundem aquilo que leva à recompensa, ao castigo ou punição. Define-se pela conformidade às normas sociais e morais vigentes. Assim, o indivíduo que está no nível de moralidade convencional é aquele que procura viver conforme as regras estabelecidas, com o que é socialmente aceite e partilhado pela maioria, respeitando a ordem estabelecida. Portanto, há uma tendência para agir de modo a ser “bem visto aos olhos dos outros”, para merecer estima, respeito e consideração. O Estádio 3 (*Moralidade do bom sujeito, da aprovação social e das relações interpessoais*) orienta-se para uma moralidade de aprovação social e interpessoal; a justificação dos argumentos remete para a necessidade de corresponder às expectativas alheias; há necessidade de ser bom e correto aos seus olhos e aos olhos dos outros e; a perspetiva sociomoral subjacente é a do indivíduo em relação aos outros indivíduos. No Estádio 4 (*Orientação para a lei e a ordem, autoridade mantendo a moralidade*) a orientação é para a manutenção da lei, da ordem e do progresso social, sendo que os justificativos dos argumentos remetem-nos para a manutenção do funcionamento das instituições como um todo, o autorrespeito ou consciência compreendida como cumprimento de obrigações definidas para si próprio ou consideração das consequências dos atos (e.g., Carlo & Koller, 1998; Fini, 1991; Lüdecke-Plümer, 2007; Ruiz, 2003).

Por fim, o nível **pós-convencional** defende que o valor moral das ações não está na conformidade com as normas e padrões morais e sociais vigentes, mas encontra-se vinculado aos princípios éticos universais, tais como o direito à vida, à liberdade e à justiça. Portanto, as normas sociais são entendidas na sua relatividade, cuja finalidade é garantir que estes princípios sejam respeitados. Caso isto não aconteça, as leis devem ser transformadas e até desobedecidas. Neste nível, a sociedade não teria sentido se não estivesse ao serviço desses direitos individuais fundamentais, que são universais, reversíveis e prescritivos. No Estádio 5 (*A orientação para o contrato social democrático*) há uma orientação para o contrato social, para o relativismo da lei e para o maior bem para o maior número de pessoas (critério de unidade) e há a obrigação de cumprimento da lei em função de um contrato social que protege os direitos individuais seus e dos outros. No Estádio 6 (*Princípios universais de consciência*) há uma orientação para os princípios éticos-universais, prescritivos, autoescolhidos e generalizáveis; há justificações que mostram que como ser racional, percebe a validade dos princípios e compromete-se com eles (e.g., Carlo & Koller, 1998; Fini, 1991; Lüdecke-Plümer, 2007; Ruiz, 2003).

O modelo de desenvolvimento da competência de julgamento moral proposto por Kohlberg parte do princípio de que todos os indivíduos possuem uma entidade cognitiva que é a “reflexão moral”. Esta encontra-se sujeita a uma transformação que ocorre em estágios de desenvolvimento moral, possuindo algumas características (e.g., Carlo & Koller, 1998; Lüdecke-Plümer, 2007):

- Os estágios são unidades estruturadas, isto é, o indivíduo emite julgamentos moralmente relevantes e consistentes sobre todas as situações, correspondentes aos estágios em que se vai encontrando. Estes distinguem-se estruturalmente uns dos outros, sendo que quanto mais elevados forem os estágios, mais diferenciado será o seu padrão de pensamento;
- Os estágios decorrem numa sequência invariante ascendente. O desenvolvimento é irreversível, pelo que não há regressões nem sobreposições de estágios. Sujeitos com a mesma idade podem não encontrar-se no mesmo estágio de desenvolvimento moral;
- Os estágios são integrações hierárquicas, isto é, os elementos do pensamento de um estágio anterior são integrados no estágio seguinte, reformulados e diferenciados. Os argumentos de um determinado estágio inferior àquele em que o indivíduo se encontra, são compreendidos mas, em princípio, recusados;
- A transição de um estágio para o outro é operada através de dissonâncias cognitivas. Estas são suscitadas pelos conflitos morais. Assim, experimenta-se que o problema já não pode ser solucionado de forma conveniente ou satisfatória com base nos julgamentos utilizados até então;
- Existe uma uniformidade intercultural do desenvolvimento moral que sublinha que o desenvolvimento da capacidade de julgamento moral decorre em todos os indivíduos da mesma forma, independentemente da nacionalidade, cultura e género.

Kohlberg acreditava que todo o indivíduo é potencialmente capaz de transcender os valores da cultura em que foi socializado, ao invés de incorporá-los passivamente (Ruiz, 2003). Esta aceção confere uma característica dinâmica ao indivíduo no processo de julgamento moral. Neste sentido, pode-se concluir que enquanto critérios, os valores predis põem o indivíduo a tomar determinadas posições sobre temas sociais, a perfilhar determinadas opções ideológicas, a auto avaliar-se, a avaliar e a persuadir os outros no que concerne a crenças, atitudes e ações (e.g., De Vries & Zan, 1998; Ruiz, 2003). Deste modo, o sistema individual de valores constitui-se como uma organização de

princípios e de regras que vai apoiar o indivíduo no processo de escolha sempre que uma determinada situação põe em confronto diferentes valores incompatíveis.

2.3.3. OS VALORES SEGUNDO SCHWARTZ

Considera-se que o modelo desenvolvido por Schwartz (1992) se assume, atualmente, como a principal referência no campo dos valores humanos. As raízes do seu modelo encontram-se ancoradas em Rokeach (1976), que enquadrava os valores numa teoria de organização, mudança e conflito nos sistemas de valores-attitudes-comportamentos (e.g., Biber, Hupfeld, & Meier, 2008; Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2012).

Rokeach (1976) propõe que os valores possuem componentes motivacionais, afetivas, cognitivas e comportamentais, sendo construtos dinâmicos e determinantes das atitudes e dos comportamentos, permitindo uma visão mais abrangente na descrição das diferenças e semelhanças entre pessoa, grupos e culturas (e.g., Biber et al., 2008; Prioste et al., 2012). No entanto, é com os estudos de Schwartz e colaboradores que os valores passam a ter um especial destaque no âmbito da psicologia social e transcultural, embora possuam também um papel relevante ao nível individual e pessoal (e.g., Biber et al., 2008; Schwartz, 1992, 2005; Schwartz & Boehnke, 2004).

Assim sendo, segundo Schwartz (1994) quando pensamos em valores, pensamos naquilo que é importante para nós na vida. Por isso, cada pessoa possui inúmeros valores, em determinados graus de importância, podendo desta forma um determinado valor ser muito importante para determinada pessoa e não o ser para outra (e.g., Biber et al., 2008).

A teoria dos valores proposta por Schwartz (1994) enfatiza seis características principais dos valores:

- Os valores são crenças que estão relacionadas com o afeto. Por isso, as pessoas que valorizam valores de independência, por exemplo, ficam fragilizadas se a sua independência for ameaçada e procuram protegê-la;
- Os valores são metas desejáveis que motivam a ação. Assim, as pessoas que valorizam a ordem social e a justiça, sentir-se-ão motivadas para agir em função deste valor;
- Os valores transcendem as ações e situações específicas. Por exemplo, a obediência e a honestidade são valores que podem ser relevantes em diversos contextos, como na escola, na família e no grupo de pares;

- Os valores servem de padrões ou critérios, guiando a seleção ou a avaliação das ações, políticas, pessoas e eventos, embora o impacto dos valores nas decisões quotidianas possa não ser consciente. Na perspetiva de Schwartz (1992), os valores só se tornam conscientes quando as ações ou decisões que consideramos praticar entram em conflito com outros valores que prezamos;
- Os valores são ordenados em função da sua importância, na sua relação com outros valores, formando uma hierarquia. Segundo Schwartz (1992) é esta característica que permite distinguir os valores das normas e das atitudes, já que os valores são princípios guias da ação dos indivíduos;
- As ações são guiadas por múltiplos valores. Qualquer ação ou atitude tem implicações para mais do que um valor. Por exemplo, a valorização do trabalho em equipa pode expressar concomitantemente valores de interação e valores de realização.

Tendo em linha de conta estes pressupostos, Schwartz (1994) define valores como *“metas desejáveis e trans-situacionais que variam em importância e servem como princípios na vida de uma pessoa ou de outra entidade social”* (p. 21). Nesta definição, está implícito que os valores: (a) servem o interesse de uma entidade social; (b) podem motivar a ação, conferindo-lhe uma direção e intensidade emocional; (c) funcionam como critérios para julgar e justificar a ação e; (d) são adquiridos através da socialização dos valores do grupo dominante e mediante a experiência pessoal de aprendizagem (e.g., Biber et al., 2008; Schwartz, 1994; Schwartz & Boehnke, 2004).

Diversos autores (e.g., Biber et al., 2008; Bilsky, 2009; Bilsky & Schwartz, 1994; Schwartz, 1994) referem que os valores, em termos de conteúdo e de função, representam respostas cognitivas, individuais e sociais, a três exigências e tarefas universais: (a) as necessidades das pessoas enquanto organismos biológicos (Organismo); (b) as exigências da interação social coordenada (Grupo) e; (c) os requisitos para o bem-estar e a sobrevivência coletiva (Interação). O principal conteúdo dos valores é o tipo de meta ou preocupação motivacional que expressam. A partir destes requisitos universais, Schwartz e Bilsky (1990) através de análises fatoriais, assinalaram sete tipos motivacionais na primeira versão da sua teoria. Posteriormente, através de iguais técnicas estatísticas, foram propostos onze e dez tipos (e.g., Schwartz, 1992), estabilizando-se atualmente em dez tipos (e.g., Biber et al., 2008; Schwartz, 1992, 1994; Schwartz & Boehnke, 2004). Na Tabela 2, podemos observar os dez tipos

motivacionais, bem como os valores específicos representativos e a origem das necessidades humanas, isto é, a sua fonte.

Schwartz (1994) afirma que é possível classificar todos os valores das diferentes culturas nestes dez tipos motivacionais, sendo esta a característica de base do Modelo Universal dos Valores Humanos proposto pelo autor.

Tabela 2

Tipos Motivacionais Propostos por Schwartz

Tipos	Exemplos de Valores	Fonte
Autodeterminação	Criatividade, Curiosidade, Liberdade	Organismo, Interação
Estimulação	Ousadia, Vida variada, Vida excitante	Organismo
Hedonismo	Prazer, Apreciar a vida	Organismo
Realização	Bem-sucedido, Capaz, Ambicioso	Interação, Grupo
Poder	Poder Social, Autoridade, Riqueza	Interação, Grupo
Segurança	Segurança Nacional, Ordem Social, Limpo	Organismo, Interação, Grupo
Conformidade	Obediente, Honra os pais e os mais velhos	Interação
Tradição	Humilde, Devoto	Grupo
Benevolência	Prestativo, Honesto, Não rancoroso	Organismo, Interação, Grupo
Universalismo	Tolerância, Justiça Social, Igualdade	Organismo, Interação, Grupo

Nota. Adaptado de Schwartz e Boehnke (2004, p. 239)

Além da identificação dos dez tipos motivacionais, a teoria de Schwartz (2006) procura explicar a estrutura dinâmica das relações entre estes tipos de valores e outras variáveis de forma integrada. Assim sendo, os dez domínios motivacionais podem ser representados numa estrutura circular devido à sua organização num contínuo motivacional dinâmico circular e, entre os domínios, existem relações de compatibilidade e de incompatibilidade, em função da semelhança ou diferença entre os objetivos motivacionais (e.g., Biber et al., 2008; Bilsky, 2009; Schwartz & Boehnke, 2004).

Os valores estão ainda organizados em duas dimensões bipolares (cf. Figura 1): (a) Autotranscendência (Universalismo, Benevolência) vs. Autopromoção (Poder, Realização), que refletem o conflito entre o bem-estar e a aceitação dos outros como iguais e a procura do sucesso individual ou do domínio dos outros e Abertura à Mudança (Autodeterminação, Estimulação) vs. Conservadorismo (Segurança, Conformidade, Tradição), referentes ao conflito entre o desejo de autonomia intelectual, a liberdade e a mudança vs. obediência, a preservação das práticas tradicionais e a proteção da estabilidade (e.g., Biber et al., 2008; Schwartz, 2006). O Hedonismo está

simultaneamente relacionado com a Abertura à Mudança e a Autopromoção (e.g., Schwartz & Rubel, 2005; Schwartz & Boehnke, 2004).

Estruturalmente, estes valores podem assumir-se como prioritários na vida das pessoas, sendo classificados como Individuais/Hedonistas (Autodeterminação, Estimulação, Realização, Hedonismo e Poder), Coletivos (Benevolência, Conformidade e Tradição) e Mistos (Universalismo e Segurança).

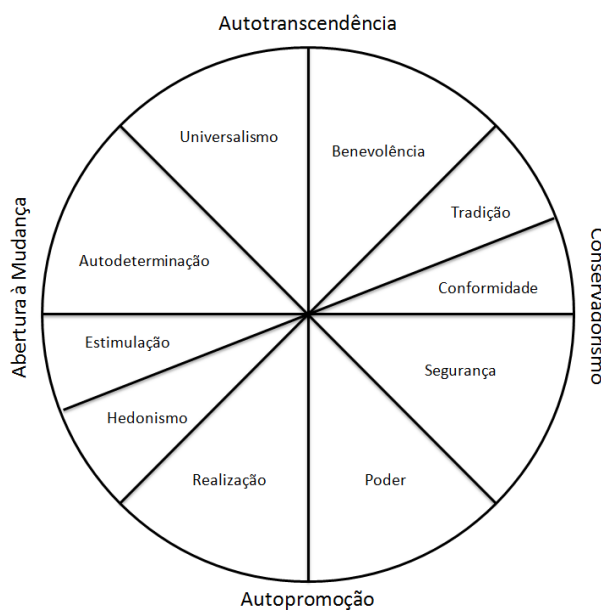


Figura 1. Estrutura dos Tipos Motivacionais (adaptado de Schwartz, 2006, p. 142)

Tendo em linha de conta a configuração estrutural dos tipos motivacionais, considera-se que quanto mais próximos estiverem dois valores em ambas as direções do círculo, mais semelhantes e compatíveis são as suas motivações e, quanto mais distantes estiverem, mais antagónicas serão as motivações subjacentes, ou seja, maior o conflito entre elas (e.g., Biber et al., 2008; Schwartz, 2006). Na prática, um indivíduo com valores de realização e de poder possui uma motivação mais compatível com a sua ação, do que um indivíduo que possui ao mesmo tempo valores de poder e de universalismo, surgindo neste um possível conflito de motivações.

Em termos etários, sabe-se por exemplo que os adolescentes priorizam os valores em função do poder, realização, autodeterminação e estimulação, enquanto os adultos validam mais valores relativos à benevolência, universalismo, tradição e conformidade (Schwartz Melech, Lehmann, Burgess, Harris, & Owens, 2001). Como resultado, os comportamentos motivados pelos valores podem diferir entre adolescentes e adultos. Da mesma forma, Schwartz mostrou, nos diversos estudos realizados, que os valores

pessoais reconheciam uma grande variabilidade em função da cultura (e.g., Schwartz, 1992, 1994, 2005; Schwartz & Boehnke, 2004).

3. VALORES E COMPORTAMENTOS ANTISOCIAIS

Como anteriormente aludimos, os valores morais são guias do comportamento e de acordo com Bardi e Schwartz (2003) há duas explicações que suportam esta ideia: (a) há uma necessidade de consistência entre os valores que cada pessoa acredita e o seu comportamento e (b) os comportamentos consonantes com os valores defendidos acabam por ser recompensadores na medida em que ajudam as pessoas a atingirem satisfação através das suas ações.

Neste contexto, alguns estudos têm analisado a relação entre os valores humanos e morais e os problemas de comportamento (e.g., Arthur, Hawkins, Pollard, Catalano, & Baglioni, 2002; Bensley, Van Eenwyk, Spieker, & Schoder, 1999; Goff & Goddard, 1999; Grube, Mayton, & Ball-Rokeach, 1994; Guilamo-Ramos, Litardo, & Jaccard, 2005; Raboteg-Saric, Rijavec, & Brajsa-Zganec, 2001; Simons, Whitbeck, Conger, & Melby, 1991) ou comportamentos de risco (Chernoff & Davison, 1999).

Por exemplo, no estudo de Simons et al. (1991), que procurou analisar a relação entre o modelo de aprendizagem social e os comportamentos de abuso de substâncias em 61 famílias com filhos adolescentes, constatou-se que a agressividade, o baixo comprometimento a valores prossociais (independência e de excitação) e os problemas escolares, estavam relacionados com o envolvimento em grupos de pares desviantes..

Da mesma forma, num estudo realizado com 544 estudantes do ensino secundário, Goff e Goddard (1999) procuraram analisar a relação entre os valores pessoais e a delinquência, abuso de substâncias e comportamento sexual. Os estudantes foram classificados de acordo com os seus valores dominantes e foram realizadas análises preditivas. Os autores constataram que os adolescentes mais propensos à delinquência e abuso de substâncias eram aqueles que tinham valores de diversão/prazer e segurança dominantes. Os adolescentes com valores proeminentes ao nível do autorrespeito, ser respeitado pelos outros, sentido de envolvimento, relações calorosas com os outros e sentimento de pertença exibiram baixas frequências de comportamentos delinquentes e abuso de substâncias.

Também Brezina e Piquero (2007) realizaram um estudo onde procuraram analisar as características dos adolescentes que se abstinham de se envolverem em grupos antissociais, tendo constatado que os adolescentes que não se envolviam com estes

grupos detinham fortes códigos morais, diferentes daqueles adolescentes que se envolviam com este tipo de grupos.

Outros estudos têm também assinalado que a procura de sensações e os traços individuais interpessoais se encontram associados a problemas de comportamento e comportamentos de risco, como o uso de drogas, tabaco, álcool e comportamentos sexuais de risco (e.g., Donohew, Hoyle, Clayton, Skinner, Colon, & Rice, 1999; Sheer & Cline, 1994; Yanovitzky, 2005; Zuckerman, Ball, & Black, 1990).

Assim, por exemplo, Donohew et al. (1999) no estudo longitudinal realizado junto de 428 adolescentes, com o objetivo de analisar a influência de determinados fatores (interpessoais e atitudinais) de risco e de proteção na tendência para procurar sensações e no envolvimento com pares consumidores de álcool e marijuana, constataram um efeito direto entre a procura de sensações nestes adolescentes e o seu envolvimento com pares consumidores de álcool e marijuana dois anos mais tarde. Os autores concluíram sobre a potencial importância da procura de sensações como característica central dos adolescentes para se envolverem com grupos de pares consumidores de álcool e drogas, bem como para o facto de a procura de sensações em grupo contribuir para o consumo de drogas nos adolescentes.

Já com base no modelo dos valores proposto por Kohlberg, Veneziano e Veneziano (1988) procuraram, no seu estudo com 411 jovens delinquentes, analisar o seu julgamento moral, em função de medidas relativas à personalidade e competências comportamentais, sociais, intelectuais e educacionais. Utilizando a Escala de Moralidade e Imoralidade, os autores dividiram os adolescentes em três grupos, em função das suas pontuações. Os autores constataram que elevadas pontuações na Escala de Moralidade e Imoralidade se encontravam associadas a maiores indicadores ao nível das competências comportamentais, intelectuais e de personalidade, enquanto os adolescentes com pontuações baixas ao nível da moralidade apresentaram valores baixos ao nível das competências analisadas. Constataram, ainda, que apesar da moralidade não se encontrar associada com a ênfase moral-religiosa veiculada pelas suas famílias, esta se encontrava inversamente associada a fatores de patologia familiar; isto é, quanto maior a patologia no seio da família, menor a moralidade dos adolescentes. Estes dados permitiram concluir sobre a importância de se desenvolverem programas de educação moral no seio dos adolescentes delinquentes.

A relação entre os valores propostos por Schwartz e os comportamentos antissociais tem sido igualmente alvo de análise. Formiga e Gouveia (2005), com base

no modelo de Schwartz, realizaram um estudo com 710 jovens, com idades entre os 15 e os 22 anos, de ambos os sexos. Os principais resultados encontrados mostraram que os jovens com maiores pontuações nos valores individualistas/hedonistas revelaram maior envolvimento em condutas antissociais e delitivas.

Concomitantemente, a partir do estudo realizado por Formiga, em 2006, junto de 650 jovens com idades entre os 15 e os 22 anos, foi possível comprovar que os jovens que assumiram valores de experimentação demonstraram estar mais propensos a comportarem-se de modo a transgredirem as normas sociais. Por outro lado, aqueles que priorizaram os valores normativos, de interação e suprapessoais apresentaram maior tendência de convergência para seguirem normas sociais e de se comportarem conforme o socialmente esperado, assumindo-se estes como fatores de proteção para o envolvimento neste tipo de condutas.

Também as investigações de Romero, Sobral, Luengo, e Marzoa (2001), que procuraram analisar as relações entre os valores pessoais de Schwartz e os comportamentos antissociais em três grupos de adolescentes (435 rapazes, 529 raparigas e 95 adolescentes que se encontram num centro de reabilitação ou prisão), concluíram que os comportamentos antissociais se encontravam associados a valores hedonísticos e à falta de interesse por valores convencionais e sociais.

Na mesma linha de investigação, Tamayo, Nicaretta, Ribeiro e Barbosa (1995), procuraram estudar a relação entre o consumo de drogas e os valores pessoais de Schwartz, num grupo de 194 estudantes de ambos os sexos, que se dividiram em consumidores e não consumidores de drogas. Os principais resultados encontrados mostraram que os jovens consumidores pontuaram mais nos valores de hedonismo, estimulação, autodeterminação e universalismo, enquanto os não consumidores tiveram pontuações superiores no valor de conformidade. Os autores concluíram que a adesão a valores sociais, isto é, com ênfase no domínio coletivo, promovem fatores de proteção para o envolvimento neste tipo de comportamentos.

Apesar da relação entre valores-comportamento antissociais ter vindo a captar a atenção da comunidade científica ao longo das últimas décadas, poucos continuam a ser os estudos que versam sobre a população adolescente em comparação àqueles que têm analisado esta relação junto de amostras de adultos (e.g., Liu et al., 2007; Thomas, 2011). Como vimos, a adolescência é caracterizada como uma fase de desenvolvimento onde se operam as principais mudanças, que se sedimentarão ao longo da vida. Verificamos, também, que nesta fase os valores pessoais assumem uma particular

importância, na medida em que poderão sofrer alterações em função das diversas situações em que os adolescentes se envolvem (apesar de apresentarem alguma estabilidade). Por conseguinte, o envolvimento em comportamentos antissociais poderá marcar uma mudança ao nível dos valores pessoais, já que aportam aprendizagens de comportamentos não aceites na sociedade. O próprio envolvimento com um grupo de pares com estes comportamentos condiciona o desenvolvimento dos valores pessoais, já que para pertencer aos grupos, é expectável que se partilhem os mesmos valores, enquanto guias da vida.

Assim, com o presente trabalho pretendemos contribuir para o crescente, mas ainda escasso conhecimento científico acerca desta matéria, sendo os nossos principais objetivos identificar os valores humanos e comportamentos antissociais numa amostra de adolescentes de uma instituição de ensino e analisar as relações entre valores humanos, comportamentos antissociais, variáveis sociodemográficas e regime de frequência dessa mesma instituição.

4. METODOLOGIA

No presente capítulo apresentamos a metodologia que serviu de orientação à concretização do estudo empírico, pelo que iniciamos com a caracterização dos participantes e dos instrumentos de recolha dos dados. São posteriormente explicitados os procedimentos utilizados nessa recolha e referenciadas as técnicas de análise dos resultados.

4.1. PARTICIPANTES

Participaram no presente estudo 190 estudantes masculinos, de uma instituição escolar, com idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos de idade ($M=13,49$; $DP=2,56$).

Ao se observar a Tabela 3, que sintetiza os restantes dados de caracterização sociodemográfica dos participantes, verifica-se uma igual percentagem de estudantes em regime de internato e externato e que frequentam entre o 5º ano e o 12º ano de escolaridade.

Grande parte dos estudantes é de nacionalidade portuguesa, denotando-se que 18,4% possui uma outra nacionalidade, nomeadamente angolana, cabo-verdiana, santomense, guineense, moçambicana, australiana, moldava e russa.

Uma grande parte dos pais destes estudantes está casada ou em união de facto. O número de irmãos varia entre nenhum irmão a 6 irmãos.

Por fim, relativamente ao estrato social, verifica-se que grande parte pertence a um estrato social de nível médio alto, de acordo com Classificação Social Internacional de Graffar (adaptado de Fonseca, 1997). Convém salientar que nenhum dos alunos pertence aos níveis médio baixo e baixo dessa mesma classificação.

Tabela 3

Caraterização Sociodemográfica dos Participantes (N=190)

	Frequência n	Percentagem %
Regime de frequência		
Internato	95	50
Externato	95	50
Escolaridade		
5º ano	37	19.5
6º ano	25	13.2
7º ano	14	7.4
8º ano	32	16.8
9º ano	27	14.2
10º ano	24	12.6
11º ano	18	9.5
12º ano	13	6.8
Nacionalidade		
Portuguesa	155	81.6
Outra	35	18.4
Estado Civil dos Pais		
Casados/União de Facto	98	51.6
Divorciados/Separados	85	44.7
Viúvo/a	7	3.7
Número de Irmãos		
Sem irmãos	36	18.9
1 irmão	70	36.8
2 irmãos	46	24.2
3 irmãos	21	11.1
4 irmãos	12	6.3
5 irmãos	3	1.6
6 irmãos	2	1.1
Estrato Social		
Alto	57	30.0
Médio Alto	84	44.2
Médio	49	25.8

4.2. INSTRUMENTOS

O protocolo de recolha de dados (cf. Anexo A) é constituído por três partes: (a) Questionário Sociodemográfico; (b) Questionário de Condutas Antissociais e (c) Questionário sobre os Valores Pessoais, que em seguida são descritos.

Questionário Sociodemográfico – é constituído por duas partes. Na primeira parte os adolescentes teriam que responder a questões relativas ao regime que frequentam na respetiva instituição escolar (internato/externato), à sua idade (questão aberta), ao ano de escolaridade (questão aberta), à sua nacionalidade (portuguesa/outra/qual?), ao estado civil dos pais (casados/divorciados/viúvo) e ao número de irmãos (questão aberta). Na segunda parte, foram solicitadas informações relativas à profissão dos pais/tutores, sua instrução, fonte principal de rendimento, tipo de habitação e local de residência. Estas informações constam da Classificação Social Internacional de M. Graffar (adaptado de Fonseca, 1997) e permitem identificar o estrato social dos indivíduos (cf. Anexo B).

Questionário de Condutas Antissociais (CCA) – trata-se de um instrumento desenvolvido por Mirón (1990) para analisar as condutas antissociais. Este instrumento foi adaptado para a população portuguesa por Martins (2005). Possui 50 itens que devem ser respondidos numa escala do tipo *likert* de 5 posições: (0) Nunca; (1) Quase nunca; (2) Algumas vezes; (3) Bastantes vezes e (4) Com frequência. Os itens são somados na sua totalidade obtendo-se o valor total das condutas antissociais. Parte-se do pressuposto de que quanto maior for a pontuação obtida, maior o envolvimento em comportamentos antissociais. Para além deste indicador total, é ainda possível serem identificadas 5 dimensões: *Conduta Contra Normas* (item 3, 4, 8, 9, 16, 17, 22, 26, 29, 32, 34, 36, 38 e 42); *Vandalismo* (item 1, 10, 20, 24, 27, 33 e 39); *Roubo* (itens 7, 12, 15, 18, 28, 31, 35, 41, 44, 48, 49, 50 e 51), *Agressão* (itens 2, 6, 11, 14, 21, 25, 37, 40, 43 e 45) e *Consumo de Drogas* (itens 5, 13, 19, 23, 30, 46 e 47). O CCA apresenta qualidades psicométricas boas ao nível da fidelidade (alfa de Cronbach =.93), conforme Mirón (1990) assinala. No presente estudo realizámos a análise da fidelidade do questionário, através do alfa de Cronbach, tendo-se obtido um valor de .96 para a escala total, o que se afigura como bastante fiel.

Questionário sobre os Valores Pessoais (QVP-R) – este questionário foi desenvolvido por Schwartz (1992) com base nos valores propostos por Rokeach (1976), e pretende avaliar a importância dos valores humanos enquanto princípios guia da vida. Este instrumento foi traduzido e adaptado por Menezes e Campos (1991) para a população portuguesa. No presente estudo utilizámos a versão readaptada proposta por Prioste et al. (2012). O instrumento possui 63 itens que devem ser respondidos numa escala do tipo *likert* de 6 posições: (1) sem importância; (2) pouquíssimo importante; (3) pouco importante; (4) importante; (5) muito importante e (6) importância fundamental.

Os itens são somados em 8 dimensões: *Relacional* (item 8, 21, 24, 27, 34, 43, 45, 47, 50, 52, 54 e 59); *Tradicionalismo* (item 11, 12, 13, 15, 17, 20, 22, 38, 39, 40, 58 e 62), *Aventura* (item 4, 9, 18, 31, 46 e 53); *Poder Social* (item 3, 7, 14, 25, 26, 28, 33 e 60); *Equilíbrio Pessoal* (item 1, 2, 5, 10, 16, 23, 37, 44 e 56); *Realização Pessoal* (item 32, 41, 42, 51 e 57); *Preocupação Social* (item 19, 29, 35, 36, 48 e 49) e *Espiritualidade* (item 6, 30, 55, 61 e 63). Estas 8 dimensões são ainda organizadas em 2 domínios: o Hedonista (que integra as dimensões *Aventura*, *Poder Social*, *Realização Pessoal* e *Equilíbrio Pessoal*, encontrando-se focalizado no Eu sem os Outros e no Eu e os Outros) e o domínio Coletivo (que integra as dimensões *Relacional*, *Tradicionalismo*, *Preocupação Social* e *Espiritualidade*, e abordam os valores maioritariamente focados no Eu com os Outros e no Eu e os Outros). Parte-se do pressuposto de que quanto maior for a pontuação obtida em cada dimensão e domínio, maior a valoração atribuída em função de guias orientadores da vida.

O estudo da consistência interna dos domínios revelou alfas de Cronbach de .89 para o domínio Hedonista e .88 para o domínio Coletivo (Prioste et al., 2012). No presente estudo, analisámos a fidelidade do instrumento igualmente através do alfa de Cronbach, tendo-se obtido um valor de .91 para o domínio Hedonista e .96 para o domínio Coletivo, assegurando tratar-se de um instrumento fiel.

4.3. PROCEDIMENTO

Como anteriormente referimos, a presente investigação decorreu numa instituição escolar, à qual solicitamos autorização para a realização do presente estudo, sendo afirmativa desde que a instituição se mantivesse confidencial. Por esse motivo, não descrevemos a referida instituição. Podemos, no entanto dizer, que se trata de uma instituição escolar que abrange uma oferta educativa ampla, que decorre em regime presencial misto e de internato ou de externato, para os níveis de ensino desde o 2º ciclo até ao ensino secundário, com vertentes relativas a cursos profissionais, que concedem equivalência ao 12º ano de escolaridade. O projeto educativo coloca a tónica no saber-fazer, fomentando a verticalidade dos saberes e espelhando a ideia de que as crianças e adolescentes devem ser educados para se tornarem cidadãos úteis. Assim, a educação de valores, atitudes e práticas que permitem uma formação harmoniosa dos jovens, com intuito de os tornar pessoas distintas e capazes de desenvolver, de forma plena e integral, as suas capacidades físicas e intelectuais, constituem o cerne do projeto educativo desta instituição. Por conseguinte, a promoção e a descoberta de um projeto

de vida próprio, ético e socialmente válido assume-se como uma das principais missões desta instituição, garantindo, dessa forma, uma sólida formação moral e de cidadania para todos os seus alunos. Nesta instituição encontram-se alunos de diversas nacionalidades, nomeadamente oriundos de Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), bem como de diferentes estratos socioculturais, espelhando, portanto, uma grande diversidade cultural e social.

Após a autorização, agendamos com os respetivos docentes a nossa presença nas turmas dos diversos anos letivos, para a administração dos questionários. A todos os alunos foi apresentado o objetivo do presente estudo, bem como sublinhados alguns procedimentos ético-deontológicos, nomeadamente a natureza voluntária e não vinculativa da sua participação, assim como o anonimato e confidencialidade dos dados que seriam recolhidos. Todos os alunos que constituem a amostra do presente estudo aceitaram participar no mesmo.

Após este procedimento inicial, o protocolo foi entregue a cada aluno, sendo que o mesmo se encontrava estruturado na seguinte ordem: Questionário sociodemográfico, Escala de Graffar, CCA e QVP-R. Para a administração destes dois últimos questionários, foram solicitadas autorizações por escrito aos respetivos autores das adaptações portuguesas, tendo estas sido concedidas.

Em seguida, aos alunos foi ainda explicado o procedimento de resposta de todo o material entregue, tendo-se concedido explicações pontuais perante as dúvidas que foram colocadas. Após o término, cada aluno colocava o seu protocolo com a face para baixo, na pilha de protocolos existente em cima da mesa, para evitar serem identificados, salvaguardando desta forma o anonimato e confidencialidade da sua participação.

Recolhidos os protocolos, os dados foram introduzidos no programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences®* (IBM® SPSS) versão 19.0 para Windows.

4.4. TÉCNICAS DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

No sentido de podermos decidir sobre as estatísticas mais adequadas para os dados recolhidos (e.g., paramétricas ou não paramétricas), realizámos primeiramente um teste de normalidade, através do Teste de Kolmogorov-Smirnov (que é para amostras ≥ 50), para as variáveis dependentes consideradas (i.e., regime, nacionalidade, idade e NSE). O Teste de Kolmogorov-Smirnov baseia-se na máxima diferença entre a distribuição acumulada da amostra e a distribuição acumulada

esperada. Parte-se do pressuposto de que a distribuição é considerada normal, quando o nível de significância (p) é maior do que .05. Nesse sentido, devem ser utilizadas as estatísticas paramétricas. Se, o nível de significância é inferior a .05, então, a melhor opção recai para o uso de estatísticas não paramétricas (Kinnear & Gray, 2001).

No presente estudo, ao ser realizado o teste de normalidade, os valores de significância encontrados para todas as variáveis consideradas foi inferior a .05, pelo que opção estatística que se afigurou mais adequada remete-nos para os testes não paramétricos. A função dos testes não paramétricos e paramétricos é muito idêntica, sendo que a sua principal diferença reside no método do cálculo das probabilidades. Nos métodos não paramétricos é utilizado o ordenamento global dos resultados, enquanto nos segundos, são as proporções de variabilidade (Kinnear & Gray, 2001).

A partir destas noções foram extraídos os resultados descritivos e inferenciais, através do teste de Mann-Whitney e Kruskal Wallis. As análises correlacionais foram realizadas com recurso ao teste de Spearman ρ . Os testes correlacionais permitem analisar a existência de relações entre as variáveis consideradas (Almeida & Freire, 2007). Estas relações podem ser analisadas em função da sua intensidade (i.e., o coeficiente de correlação oscila entre -1,00 e +1,00, sendo que o valor zero significa ausência de correlação), sendo esta mais perfeita quanto mais próximo estiver da unidade. As correlações podem ser positivas ou inversas (negativas), dependendo das oscilações dos resultados nas variáveis.

Para aprofundar as análises correlacionais, realizámos um procedimento de regressão linear múltipla hierárquica, para podermos compreender o peso dos domínios dos valores pessoais na explicação dos comportamentos antissociais.

Em seguida apresentamos os principais resultados obtidos, em função dos objetivos que foram inicialmente definidos.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste ponto apresentamos os principais resultados descritivos e inferenciais (diferenciais e correlacionais) obtidos, tendo como fio condutor os objetivos previamente definidos, para uma melhor estruturação e compreensão dos resultados.

5.1. IDENTIFICAÇÃO DOS VALORES E COMPORTAMENTOS ANTISOCIAIS

O objetivo geral do presente trabalho pretendeu identificar os valores pessoais³ e os comportamentos antissociais nos adolescentes que se encontram quer em regime de internato quer de externato na instituição escolar. Para tal, realizámos análises descritivas às dimensões e domínios do QVP-R. Neste sentido, na Tabela 4 podem ser observadas as médias relativas às dimensões e domínios do QVP-R.

Tabela 4

Média de Respostas das Dimensões e Domínios do QVP-R

Dimensões e Domínios do QVP-R	M	DP
Domínio Coletivo	175.87	28.013
Relacional	63.11	9.873
Tradicionalismo	59.37	10.495
Preocupação Social	29.07	5.186
Espiritualidade	24.32	4.791
Domínio Hedonista	130.71	21.477
Aventura	27.15	5.558
Poder Social	33.47	7.304
Equilíbrio Pessoal	44.77	7.381
Realização Pessoal	25.32	4.738

Nota. M (média) e DP (desvio padrão)

Pela análise da Tabela 4 observamos que o domínio Coletivo ($M=175.87$; $DP=28.013$) apresenta uma média mais elevada quando comparado com o domínio Hedonista ($M=130.71$; $DP=21.477$).

Dentro do domínio Coletivo, observa-se que são as dimensões *Relacional* ($M=63.11$; $DP=9.873$) e *Tradicionalismo* ($M=59.37$; $DP=10.495$) que obtêm uma média de respostas mais elevada, por contraponto às dimensões *Realização Pessoal* ($M=25.32$; $DP=4.738$) e *Espiritualidade* ($M=24.32$; $DP=4.791$). Por contraste, dentro do domínio Hedonista são as dimensões *Equilíbrio Pessoal* ($M=44.77$; $DP=7.381$) e *Poder Social* ($M=33.47$; $DP=7.304$) que apresentam médias de respostas superiores, por contraponto às dimensões de *Aventura* ($M=27.15$; $DP=5.558$) e de *Realização Pessoal* ($M=25.32$; $DP=4.738$).

No que diz respeito aos comportamentos antissociais, a Tabela 5 mostra as médias obtidas em cada uma das dimensões do questionário CCA.

³ No presente estudo empírico são analisados os valores pessoais, enquanto princípios que guiam a vida, i.e., de condutas e ações. A aceção de valor moral é aqui tida enquanto princípio moral e ético, no seu sentido global.

Tabela 5

Média de Respostas nas Dimensões do CCA

Dimensões do CCA	M	DP
Conduta Contra Normas	4.59	6.940
Vandalismo	1.61	3.442
Roubo	1.85	4.523
Agressão	4.36	5.367
Consumo de Drogas	1.40	3.217
Total	13.81	21.321

Nota. M (média) e DP (desvio padrão)

Assim, as *Conduta Contra Normas* ($M=4.59$; $DP=6.940$) e *Agressão* ($M=4.36$; $DP=5.367$) são as duas dimensões dos comportamentos antissociais que obtêm uma média de respostas mais elevada, por contraponto às dimensões *Consumo de Drogas* ($M=1.40$; $DP=3.217$) e *Vandalismo* ($M=1.61$; $DP=3.442$). Em termos específicos, observamos, ainda, que na dimensão *Conduta Contra Normas* os comportamentos específicos que ocorrem com maior frequência são: *Viajar de autocarro, comboio, etc., sem bilhete* ($M=.76$; $DP=1.223$), *Consumir bebidas alcoólicas em bares antes dos 16 anos* ($M=.67$; $DP=1.159$), *Andar com gente que habitualmente se mete em problemas* ($M=.63$; $DP=.977$) e *Fumar antes dos 16 anos de idade* ($M=.57$; $DP=1.114$). Na dimensão *Agressão*, os comportamentos que assinalaram uma frequência mais elevada foram: *Dar um pontapé a alguém* ($M=1.16$; $DP=1.275$) e *Andar à pancada com alguém* ($M=.97$; $DP=.179$).

5.2. COMPARAÇÃO ENTRE COMPORTAMENTOS ANTISOCIAIS E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

Procurámos também comparar os comportamentos antissociais com as variáveis sociodemográficas regime, nacionalidade, idade e NSE. Através do teste Mann-Whitney procedemos à comparação dos comportamentos antissociais em função do **regime**, como é apresentado na Tabela 6.

Tabela 6

Comparação entre os Comportamentos Antissociais e o Regime

	Regime	n	Média das posições	Mann-Whitney Z	p
Condutas Contra Normas	Internato	95	101.94	-1.655	.98
	Externato	95	89.06		
Vandalismo	Internato	95	98.69	-.926	.35
	Externato	95	92.31		
Roubo	Internato	95	98.19	-.839	.40
	Externato	95	92.81		
Agressão	Internato	95	98.44	-.744	.45
	Externato	95	92.56		
Consumo de Drogas	Internato	95	109.35	-1.198	.23
	Externato	95	91.65		
Total	Internato	95	101.84	-1.594	.11
	Externato	95	89.16		

Pela análise da Tabela 6, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nos comportamentos antissociais dos adolescentes em regime de internato e de externato. No entanto, se analisarmos a tendência das posições médias encontradas, constatamos que são os adolescentes em regime de internato que possuem pontuações médias mais elevadas em todas as dimensões dos comportamentos antissociais, por comparação aos que se encontram em regime de externato.

Relativamente à **nacionalidade**, a Tabela 7 mostra que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. No entanto, analisando uma vez mais a tendência das posições médias encontradas, constatamos que os adolescentes de nacionalidade portuguesa possuem pontuações médias mais elevadas nas dimensões *Vandalismo*, *Roubo* e *Consumo de Drogas*, enquanto os adolescentes com outras nacionalidades são os que obtêm pontuações médias mais elevadas nas dimensões *Condutas Contra Normas*, *Agressão* e *Total* de comportamentos antissociais.

Tabela 7

Comparação entre os Comportamentos Antissociais e a Nacionalidade

	Nacionalidade	n	Média das posições	Mann-Whitney Z	p
Condutas Contra Normas	Portuguesa	155	94.37	-.609	.54
	Outra	35	100.49		
Vandalismo	Portuguesa	155	96.44	-.576	.56
	Outra	35	91.33		
Roubo	Portuguesa	155	95.76	-.171	.86
	Outra	35	94.34		
Agressão	Portuguesa	155	94.05	-.770	.44
	Outra	35	101.90		
Consumo de Drogas	Portuguesa	155	96.19	-.454	.65
	Outra	35	92.43		
Total	Portuguesa	155	94.66	-.442	.65
	Outra	35	99.20		

Ao ser considerada a **idade** dos adolescentes, a Tabela 8 mostra que esta se encontra positivamente correlacionada com todas as dimensões dos comportamentos antissociais, significando que estes aumentam em função da idade. A correlação mais elevada é a existente entre a idade e a dimensão *Conduta Contra Normas* ($\rho = -.60, p < .01$) e a mais baixa com a dimensão *Agressão* ($\rho = -.38, p < .01$).

Tabela 8

Correlações entre os Comportamentos Antissociais e a Idade

	Idade
Condutas Contra Normas	.60**
Vandalismo	.38**
Roubo	.47**
Agressão	.38**
Consumo de Drogas	.52**
Total	.54**

** $p < .01$

No que diz respeito ao **NSE**, a Tabela 9 mostra os resultados obtidos. Pela análise da referida tabela, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nos comportamentos antissociais dos adolescentes em função do NSE. Ainda assim, os adolescentes do NSE médio são aqueles que tendencialmente obtêm pontuações médias mais elevadas em todas as dimensões dos comportamentos antissociais por comparação aos do NSE médio alto e alto.

Tabela 9

Comparação entre os Comportamentos Antissociais e o NSE

	NSE	n	Média das posições	χ^2	p
Condutas Contra Normas	Alto	57	85.20	3.058	.21
	Médio Alto	84	99.11		
	Médio	49	101.30		
Vandalismo	Alto	57	86.54	2.994	.22
	Médio Alto	84	98.36		
	Médio	49	101.01		
Roubo	Alto	57	85.69	3.994	.13
	Médio Alto	84	99.57		
	Médio	49	99.94		
Agressão	Alto	57	88.93	1.525	.46
	Médio Alto	84	96.22		
	Médio	49	101.91		
Consumo de Drogas	Alto	57	85.38	4.638	.09
	Médio Alto	84	98.02		
	Médio	49	102.95		
Total	Alto	57	85.85	3.003	.22
	Médio Alto	84	97.13		
	Médio	49	103.94		

5.3. COMPARAÇÃO ENTRE VALORES E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

Um outro objetivo pretendeu comparar os valores pessoais com as variáveis regime, nacionalidade, idade e NSE, que em seguida se apresentam. Através do teste Mann-Whitney procedemos à comparação dos valores pessoais em função do **regime**, como é apresentado na Tabela 10. Pela observação desta tabela, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nos valores pessoais dos adolescentes em regime de internato e de externato. Ainda assim, analisando a tendência das posições médias encontradas, verificamos que os adolescentes em regime de internato obtêm pontuações médias mais elevadas no domínio Hedonista, enquanto os adolescentes em regime de externato apresentam pontuações médias tendencialmente mais elevadas no domínio Coletivo.

Tabela 10

Comparação entre os Valores Pessoais e o Regime

	Regime	n	Média das posições	Mann-Whitney Z	p
Domínio Coletivo	Internato	95	92.98	-.632	.52
	Externato	95	98.02		
Relacional	Internato	95	92.42	-.779	.43
	Externato	95	98.58		
Tradicionalismo	Internato	95	92.43	-.771	.44
	Externato	95	98.57		
Preocupação Social	Internato	95	97.63	-.535	.59
	Externato	95	93.37		
Espiritualidade	Internato	95	91.03	-1.126	.26
	Externato	95	99.97		
Domínio Hedonista	Internato	95	97.56	-.517	.60
	Externato	95	93.44		
Aventura	Internato	95	96.85	-.340	.73
	Externato	95	94.15		
Poder Social	Internato	95	101.96	-1.622	.10
	Externato	95	89.04		
Equilíbrio Pessoal	Internato	95	93.15	-.591	.55
	Externato	95	97.85		
Realização Pessoal	Internato	95	96.35	-.215	.82
	Externato	95	94.65		

Quando analisamos a diferença de médias nas pontuações dos valores em função da **nacionalidade**, a Tabela 11 mostra que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 11

Comparação entre os Valores Pessoais e a Nacionalidade

	Nacionalidade	n	Média das posições	Mann-Whitney Z	p
Domínio Coletivo	Portuguesa	155	95.69	-.102	.91
	Outra	35	94.64		
Relacional	Portuguesa	155	95.99	-.261	.79
	Outra	35	93.33		
Tradicionalismo	Portuguesa	155	95.88	-.203	.83
	Outra	35	93.80		
Preocupação Social	Portuguesa	155	94.80	-.371	.71
	Outra	35	98.60		
Espiritualidade	Portuguesa	155	93.71	-.950	.34
	Outra	35	103.43		
Domínio Hedonista	Portuguesa	155	95.43	-.039	.96
	Outra	35	95.83		
Aventura	Portuguesa	155	96.30	-.423	.67
	Outra	35	91.96		
Poder Social	Portuguesa	155	95.68	-.094	.92
	Outra	35	94.71		
Equilíbrio Pessoal	Portuguesa	155	94.90	-.317	.75
	Outra	35	98.16		
Realização Pessoal	Portuguesa	155	96.27	-.412	.68
	Outra	35	92.09		

Ao ser considerada a **idade** dos adolescentes verifica-se, pela análise da Tabela 12, que a idade se encontra inversamente correlacionada com todas as dimensões dos valores pessoais, com exceção da dimensão *Aventura* e *Poder Social* e do domínio Hedonista, significando que, no geral, quanto maior a idade dos adolescentes menores serão os seus valores pessoais. A correlação mais elevada é a existente entre a idade e a dimensão *Espiritualidade* ($\rho=-.33, p <.01$) e a mais baixa com a dimensão *Equilíbrio Pessoal* ($\rho=-.17, p <.01$).

Tabela 12

Correlações entre os Valores Pessoais e a Idade

	Idade
Domínio Coletivo	-.31**
Relacional	-.29**
Tradicionalismo	-.30**
Preocupação Social	-.23**
Espiritualidade	-.33**
Domínio Hedonista	-.10
Aventura	-.08
Poder Social	-.09
Equilíbrio Pessoal	-.17**
Realização Pessoal	-.23**

** $p <.01$

No que diz respeito ao **NSE**, a Tabela 13 mostra os resultados obtidos. Pela sua observação, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nos

valores pessoais dos adolescentes em função do NSE. Ainda assim, os adolescentes do NSE alto tendem a apresentar pontuações médias mais elevadas em todas as dimensões e domínios dos valores pessoais, por comparação aos do NSE médio alto e médio, embora nunca atingindo significância estatística

Tabela 13

Comparação entre os Valores Pessoais e Nível Socioeconómico

	NSE	n	Média das posições	χ^2	p
Domínio Coletivo	Alto	57	100.42	1.027	.59
	Médio Alto	84	95.62		
	Médio	49	89.57		
Relacional	Alto	57	98.81	.302	.86
	Médio Alto	84	94.29		
	Médio	49	93.72		
Tradicionalismo	Alto	57	101.68	2.129	.34
	Médio Alto	84	96.65		
	Médio	49	86.33		
Preocupação Social	Alto	57	100.95	.983	.61
	Médio Alto	84	94.70		
	Médio	49	90.54		
Espiritualidade	Alto	57	100.86	1.038	.59
	Médio Alto	84	95.04		
	Médio	49	90.06		
Domínio Hedonista	Alto	57	104.56	2.511	.28
	Médio Alto	84	93.61		
	Médio	49	88.20		
Aventura	Alto	57	102.39	1.282	.52
	Médio Alto	84	92.63		
	Médio	49	92.42		
Poder Social	Alto	57	105.45	2.695	.26
	Médio Alto	84	91.80		
	Médio	49	90.27		
Equilíbrio Pessoal	Alto	57	102.79	2.978	.22
	Médio Alto	84	96.89		
	Médio	49	84.64		
Realização Pessoal	Alto	57	100.05	.642	.72
	Médio Alto	84	94.49		
	Médio	49	91.94		

5.4. RELAÇÃO ENTRE OS VALORES E COMPORTAMENTOS ANTSSOCIAIS

Procurámos também analisar a relação existente entre os valores pessoais e comportamentos antissociais, tal como previa um dos objetivos específicos. Este processo foi realizado através do coeficiente de correlação de Spearman (ρ), correlacionado os totais relativos às dimensões do CCA e do QVP-R (cf. Tabela 14).

Os principais resultados mostram que há correlações significativas inversas entre o domínio Coletivo e todas as dimensões dos comportamentos antissociais analisadas e,

consequentemente, com o seu total, sendo que a correlação mais elevada encontrada é com a *Conduta Contra Normas* ($\rho = -.34, p < .01$). Estas correlações significativas são igualmente observadas entre todas as dimensões deste domínio (Coletivo) e os comportamentos antissociais, com a exceção da *Preocupação Social* que não apresenta uma correlação significativa com a *Agressão*. Observam-se correlações elevadas entre a *Conduta Contra Normas* e as dimensões *Relacional* ($\rho = -.35, p < .01$), *Espiritualidade* ($\rho = -.33, p < .01$) e *Tradicionalismo* ($\rho = -.32, p < .01$) e entre o *Roubo* e a dimensão *Tradicionalismo* ($\rho = -.32, p < .01$) e *Preocupação Social* ($\rho = -.28, p < .01$).

Relativamente ao domínio Hedonista, verifica-se um cenário diferente, isto é, não se encontra significativamente correlacionado com o total de comportamentos antissociais, apresentando apenas correlações significativas inversas com a dimensão *Roubo* ($\rho = -.21, p < .01$) e *Consumo de Drogas* ($\rho = -.14, p < .05$). As dimensões *Aventura* e *Poder Social* ao domínio Hedonista não apresentam correlações significativas com os diversos comportamentos antissociais analisados; esta última dimensão é a única que apresenta correlações positivas, embora não significativas, com os comportamentos antissociais. Por conseguinte, são apenas as dimensões *Equilíbrio Pessoal* e *Realização Pessoal* que apresentam correlações significativas inversas com todas as dimensões dos comportamentos antissociais, destacando-se a correlação mais elevada entre o *Equilíbrio Pessoal* e o *Roubo* ($\rho = -.29, p < .01$) e entre a *Realização Pessoal* e *Conduta Contra Normas* ($\rho = -.27, p < .01$).

Tabela 14

Correlações entre os Valores Pessoais e Comportamentos Antissociais

	Conduta Contra Normas	Vandalismo	Roubo	Agressão	Drogas	Total
Domínio Coletivo	-.34**	-.26**	-.31**	-.22**	-.26**	-.31**
Relacional	-.35**	-.29**	-.31**	-.26**	-.25**	-.34**
Tradicionalismo	-.32**	-.26**	-.32**	-.21**	-.28**	-.31**
Preocupação Social	-.24**	-.18**	-.28**	-.12	-.21**	-.20**
Espiritualidade	-.33**	-.25**	-.26**	-.23**	-.19**	-.31**
Domínio Hedonista	-.10	-.08	-.21**	-.05	-.14*	-.11
Aventura	-.04	-.02	-.11	-.00	-.10	-.03
Poder Social	.04	.07	.04	.05	.00	.04
Equilíbrio Pessoal	-.15*	-.18**	-.29**	-.13*	-.21**	-.20**
Realização Pessoal	-.27**	-.20**	-.25**	-.18**	-.20**	-.25**

** $p < .01$; * $p < .05$

No sentido de aprofundarmos estas correlações, realizámos uma análise de regressão linear múltipla hierárquica, tomando como variável dependente o total dos

comportamentos antissociais e como variáveis independentes os domínios do QVP-R. A Tabela 15 mostra os resultados obtidos.

Tabela 15

Domínios Preditores dos Comportamentos Antissociais

Comportamentos antissociais	R ² ajustado	β	F
Domínio Coletivo	.129	-.604	28.894***
Domínio Hedonista	.158	.287	5.553*
Total	.279		17.574***

*** $p < .001$; * $p < .05$

O modelo que integra o domínio Coletivo e Hedonista dos valores pessoais mostra-se explicativo do envolvimento dos adolescentes em comportamentos antissociais ($F(2, 187) = 17.574, p < .001$), explicando 28% do total da variância.

O domínio Coletivo assume-se como um preditor negativo destes comportamentos ($F(1,188) = 28.894, p < .001$), isto é, o aumento de valores pessoais coletivos, enquanto guias de vida, prediz uma diminuição no envolvimento dos adolescentes em comportamentos antissociais, sendo este domínio responsável por 13% da variação dos resultados encontrados.

Por contraste, o domínio Hedonista apresenta-se como um preditor positivo dos comportamentos antissociais ($F(1,187) = .287, p < .05$), isto significa que quanto mais valorizados forem os valores hedonistas, maior será o envolvimento dos jovens em comportamentos antissociais. Este domínio é responsável por 15% da variação dos resultados.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em linha de conta os resultados obtidos na presente investigação, procuraremos, em seguida, discuti-los à luz do enquadramento teórico realizado. Para uma melhor organização e estruturação da discussão dos resultados, tomaremos como linha de orientação os objetivos que foram inicialmente definidos.

Nesta linha de pensamento, ao se procurar **identificar os valores pessoais** dos adolescentes do presente estudo, os principais resultados mostraram médias mais elevadas no domínio Coletivo quando comparado com o domínio Hedonista. A identificação dos valores por parte destes adolescentes revela-se importante na medida em que conferem alguma compreensão relativamente àquilo que motiva a sua ação, já que esta será empreendida em função daquilo em que acreditam. Neste sentido,

podemos afirmar que os adolescentes do presente estudo possuem, maioritariamente, valores que colocam a ênfase no *Eu com os Outros* e no *Eu e os Outros*, configurando a importância das relações que estabelecem com os demais. Estes resultados, na verdade, acabam por reforçar a importância que é conferida ao grupo de pares durante a fase da adolescência (Fonseca, 2000, 2004), sublinhando os aspetos relativos à solidariedade, companheirismo, partilha e coesão, em detrimento do isolamento, egocentrismo e individualismo. A análise detalhada das dimensões revelou que a *Relacional* e o *Tradicionalismo* do domínio Coletivo e a dimensão *Equilíbrio Pessoal* do domínio Hedonista apresentam médias mais elevadas, por contraponto às dimensões *Realização Pessoal* e *Aventura*, pertencentes a este último domínio e *Espiritualidade* pertencente ao domínio Coletivo. Assim, nessa análise, os valores mais proeminentes que foram valorizados pelos adolescentes do presente estudo reportam-se à lealdade (fiel aos amigos e grupos) e obediência (cumprimento de deveres e obrigações) pertencentes ao domínio Coletivo (dimensões *Relacional* e *Tradicionalismo*, respetivamente) e saúde (procura de bem-estar físico e mental), que integra o domínio Hedonista (dimensão *Equilíbrio Pessoal*), em detrimento dos valores inteligência (enquanto capacidade intelectual), escolha de objetivos de vida (seleção de objetivos e metas) e criatividade (valorização do ser único, com imaginação), pertencentes ao domínio Hedonista (dimensões *Realização* para os dois primeiros e *Aventura* para o último) e perdão (desculpar os outros), pertencente ao domínio Coletivo (dimensão *Espiritualidade*).

Numa análise global, estes dados ao encontro da própria missão da instituição escolar onde o estudo decorreu, que procura consolidar um projeto educativo baseado em valores altruístas. Assim, são visíveis nos procedimentos dessa instituição escolar, atividades de promoção de valores de respeito, de dever, de lealdade, de ordem, de disciplina e de responsabilidade individual e grupal.

Apesar de se poder concluir que, genericamente, os adolescentes que participaram no presente estudo privilegiam valores em prol das suas relações com os outros, o que poderá conduzir a ações de companheirismo e respeito pelo próximo em detrimento de condutas antissociais (como aliás, o presente estudo acabou por comprovar), importa não negligenciar a potencial mutabilidade dos valores. Os adolescentes, ao responderem aos diversos itens constantes do questionário de valores, responderam em função daquilo que consideraram ser mais importante na sua vida no momento presente. A importância conferida aos valores pessoais depende da etapa de vida em que se encontram, pelo que neste momento determinado valor pode ter um grau de importância

elevado e em outro momento das suas vidas, emergirem outros valores (Schwartz, 1994). Assim e embora os valores sejam estruturas relativamente estáveis, eles sofrem mudanças que decorrem de acontecimentos pessoais e sociais (Bilsky & Schwartz, 1994), mudanças estas que originam novos padrões de resposta comportamental, afetiva e cognitiva (e.g., Fonseca, 1992, 1999; Schein, 1997). As mudanças individuais nos sistemas de valores encontram-se intimamente relacionadas com o próprio desenvolvimento intelectual, o grau de internalização dos valores institucionais e culturais, tal como Figueiredo (1991) assinala. Importa assim estimular e favorecer a manutenção de valores pessoais, com especial ênfase nos Coletivos, que integram princípios relativos à vertente relacional dos sujeitos com os demais, o respeito e manutenção dos valores tradicionais transmitidos de geração em geração (e.g., trabalho, polidez, autodisciplina, obediência, entre outros), preocupações altruístas relativas ao mundo, à justiça social e proteção do ambiente, bem como relacionados à dimensão espiritual no seu sentido mais lato e não especificamente à religiosidade. A transmissão, desenvolvimento e manutenção destes valores, pelos resultados do presente estudo, parecem funcionar como fatores de proteção do envolvimento dos adolescentes em comportamentos antissociais (como ainda será discutido).

Ao procurarmos identificar os **comportamentos antissociais** que caracterizam os adolescentes do presente estudo, os principais resultados encontrados mostraram que as dimensões *Conduta Contra Normas* e *Agressão* apresentam médias de respostas mais elevadas, por contraponto às dimensões *Consumo de Drogas*, *Vandalismo* e *Roubo/Furto*. Em termos específicos verificámos que os jovens envolveram-se com maior frequência nos comportamentos de *viajar de autocarro, comboio, etc., sem bilhete, consumir bebidas alcoólicas em bares antes dos 16 anos, andar com gente que habitualmente se mete em problemas e fumar antes dos 16 anos* e os comportamentos de agressão identificados remetem-nos para comportamentos dirigidos aos outros, como *andar à pancada com alguém e dar um pontapé a alguém*. Relativamente às condutas menos relatadas, estas referem-se a *fazer estragos numa loja aberta, destruir ou danificar cabines telefónicas, latões de lixo, etc., tomar parte num roubo utilizando armas, roubar coisas que se encontram nos bolsos de roupas penduradas em cabides e ter problemas de saúde devido ao consumo de drogas*.

Estes resultados vão ao encontro a diversas investigações que têm concluído que os atos de menor gravidade encontraram-se largamente disseminados entre os jovens, ao passo que aqueles de índole mais grave foram perpetrados por uma diminuta parcela de

adolescentes (e.g., Braga, 2013; Breen et al., 2010; Farrington et al., 2006; Flood-Page et al., 2000; Gatti et al., 1994; Gersão & Lisboa, 1994; Mendes & Carvalho, 2010).

Num estudo português, Braga (2013) sublinhou, dos diversos subtipos de comportamentos antissociais considerados, os atos de conflito com a autoridade (conduta contra normas) são os que se assumem com prevalências mais elevadas, levando a autora a concluir que, apesar de ter encontrado uma proporção substancial de jovens envolvidos em atos antissociais, apenas um número reduzido se envolvia em ofensas de maior gravidade. Estes estudos acabam por reforçar a ideia de Lummertz (1997) quando afirma que os adolescentes não são necessariamente delinquentes, mas podem estar muito próximos deste fenómeno. Também Formiga e Gouveia (2005) sublinham a possibilidade de os adolescentes praticarem algum tipo de conduta antissocial, já que eles se encontram numa fase de desenvolvimento marcada pelo desafio aos padrões tradicionais sociais e familiares, colocando em causa as normas e regras das gerações dos seus pais e das instituições de educação. No entanto, importa referir que os atos antissociais de menor gravidade não podem nem devem ser negligenciados, nomeadamente os relativos à conduta contra normas e agressão direta, pois podem constituir-se como caminhos abertos para a delinquência grave, acarretando potenciais danos para as vítimas (Braga, 2013; Moffitt, 1993).

Ao procurarmos **analisar os comportamentos antissociais em função de algumas variáveis sociodemográficas**, verificámos que os comportamentos antissociais não variaram significativamente em função do regime, da nacionalidade e do NSE. No entanto, foi possível observar uma tendência nas pontuações médias que assinalam que são os adolescentes em regime de internato que obtêm pontuações médias mais elevadas, os de nacionalidade portuguesa nas dimensões de *Vandalismo*, *Roubo* e *Consumo de Drogas* enquanto os de outra nacionalidade nas restantes dimensões (inclusive médias totais mais elevadas) e que são os adolescentes pertencentes ao NSE médio que mais pontuam em todas as dimensões consideradas.

Algumas considerações podem ser tecidas perante estes resultados. O regime de frequência na instituição escolar poderá sugerir que os adolescentes que se encontram em regime de internato poderão já ter um percurso de comportamentos antissociais, o que levou aos seus tutores optarem por este regime. No entanto, é possível ainda admitir que estes comportamentos antissociais possam decorrer do efeito de grupo (Fonseca, 2000, 2004), ou seja, dentro da instituição os alunos estabelecem interações entre si, o que poderá facilitar o processo de influência recíproca, atendendo às suas características

pessoais, personalísticas, valores, tendências e predisposições. Temos consciência de que os processos de aprendizagem comportamental decorrem das relações que os indivíduos estabelecem entre si e dos contextos onde se inserem (Relvas, 2000). A existência de adolescentes com comportamentos antissociais parece ser uma realidade de todas as instituições escolares, sem exceção. Todavia, naquelas instituições onde estão presentes regimes mistos de frequência (internato e externato), a probabilidade de influência é suscetível de ser potenciada, pelas próprias condições que caracterizam o regime de internato. Estes alunos que se encontram em regime de internato, estão longe dos seus familiares e encontram-se sob a responsabilidade de um tutor a quem os pais confiaram a sua educação, pelo que o sentimento de liberdade de ação pode estar mais presente, por comparação àqueles que se encontram num regime externo. Convém no entanto sublinhar que, embora os alunos em regime de internato tenham evidenciado pontuações médias superiores de comportamentos antissociais relativamente àqueles em regime de externato, estas diferenças não se revelaram significativas pelo que podem dever-se ao acaso.

Quanto à nacionalidade, o *vandalismo*, *roubo* e *consumo de drogas* mostraram-se tendencialmente mais prevalente no seio dos alunos com nacionalidade portuguesa, enquanto a *conduta contra normas* e a *agressão* nos alunos com outra nacionalidade; também o total se revelou tendencialmente mais elevado neste último grupo. A maioria dos estudos encontrados neste âmbito reporta-se a jovens que habitam em bairros, com famílias desestruturadas, com ausência de apoios sociais e educativos adequados, desenraizamento cultural e dificuldades de acesso à cidadania portuguesa, que não configuram a realidade da amostra do presente estudo (Borrelli (1995). No entanto e apesar desta condicionante, é possível estabelecermos algumas considerações que podem ser suportadas por outras investigações, nomeadamente pelo facto de alguns jovens com comportamentos antissociais serem oriundos do fenómeno migratório e que se encontram afastados das suas famílias de origem, tal como se observa no estudo de Borrelli (1995). De facto, os adolescentes de outra nacionalidade do presente estudo são fruto do movimento migratório e vivem afastados das suas famílias (note-se que nesta instituição escolar se encontram adolescentes oriundos de Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, Austrália, Moldávia e Rússia e a esmagadora maioria destes encontram-se em regime de internato afastado das suas famílias de origem). Na verdade, o próprio processo migratório (em função das suas condições) poderá constituir-se numa explicação para a não adaptação destes jovens ou para

justificar o seu envolvimento tendencialmente superior em comportamentos antissociais, particularmente naqueles contra normas e de agressão, em contraponto aos jovens de nacionalidade portuguesa. Ainda assim, importa uma vez mais referir que essas diferenças não se revelaram estatisticamente significativas.

Atendendo ao NSE, denota-se que são os alunos pertencentes a NSE mais baixos que pontuam mais nos comportamentos antissociais assinalados, ainda que não se tenham revelado resultados estatisticamente significativos a este nível. A questão do NSE e da sua relação com os comportamentos antissociais tem sido amplamente investigada e os resultados encontrados têm sido marcados pela controvérsia (Formiga & Gouveia, 2005). Alguns estudos têm mostrado que os jovens de classes sociais desfavorecidas (económica e culturalmente) possuem maior tendência para se envolverem em comportamentos antissociais (Mirón, 1990), enquanto outros estudos tem revelado que os jovens envolvidos neste tipo de comportamentos são oriundos de famílias pertencentes a classes sociais médias e altas (Formiga & Gouveia, 2005), sendo por isso possível afirmar que os comportamentos antissociais se encontram distribuídos por todo o conjunto da estrutura social. Os jovens oriundos de classes sociais mais baixas são muitas vezes expostos a fatores de risco que potenciam o seu envolvimento em atos antissociais, tal como serem provenientes de famílias com escassos recursos, provirem de famílias numerosas, estarem sujeitos a práticas educativas desadequadas e terem familiares próximos com registo criminal (e.g., Carneiro et al., 1997; Farrington et al., 2001; Fonseca, 1992). Por outro lado, a delinquência no seio de classes mais favorecidas pode não ser alheia às mudanças culturais e o incremento das atitudes individualistas, a procura de incessante de prestígio (Formiga, 2006; Formiga & Gouveia, 2005). Assim, as relações entre NSE e comportamentos antissociais não se apresentam de forma simples, linear e direta como possa parecer, tal como assinala Mirón (1990).

Já a idade, estabeleceu associações significativas com todas as dimensões dos comportamentos antissociais consideradas, que assinalam que os adolescentes mais novos são aqueles que apresentam pontuações médias menores. Estes resultados são congruentes com diversos estudos que têm assinalado que é na adolescência que aumentam e se iniciam comportamentos antissociais, já que se trata de uma fase de desenvolvimento da qual emergem sentimentos de oposição e contraditórios, marcados pela aventura, curiosidade e desejo de independência (e.g., Braga, 2013; Hidalgo

Vicario & Júdez Gutiérrez, 2007; Hidalgo Vicario & Redondo Romero, 2005; Kulig, 2005; Martins, 2005; Mirón, 1990).

São também congruentes com a ideia veiculada por vários autores, quando assinalam que o pico etário dos comportamentos antissociais se encontra por volta dos 17/18 anos (e.g., Borduin & Schaeffer, 1998; Loeber et al., 2003; Negreiros, 2001; Teixeira, 2000), sendo que a partir desta idade podem decair (Braga, 2013). Neste ponto, será importante refletir sobre as modalidades de expressão dos comportamentos antissociais proposta por Moffitt (1993) e que diferenciam os comportamentos antissociais que se limitam à adolescência dos comportamentos antissociais persistentes ao longo da vida. Ao se assumir esta diferença, poderemos justificar os resultados encontrados como decorrentes da fase de desenvolvimento em que os adolescentes se encontram. Na verdade, carecemos de dados longitudinais no nosso estudo que permitam suportar a nossa posição, no entanto, esta assenta num indicador que foi observado no presente estudo: a par desta relação positiva entre a idade e os comportamentos antissociais, denotou-se em análises mais específicas de inferência, através do teste de Kruskal-Wallis, que a saturação dos comportamentos antissociais se encontrava entre a faixa etária dos 14 aos 17 anos, sendo que em idades mais avançadas, a frequência destes comportamentos se apresentou relativamente baixa.

Este indicador leva-nos a acreditar que os comportamentos antissociais encontrados possam ser apenas reflexo da fase de desenvolvimento em que os alunos se encontram, associando-se outros aspetos que não podem ser descurados como, por exemplo, o processo de adaptação decorrente do movimento migratório que caracteriza alguns dos alunos, a procura de prestígio e de adesão a grupos, os interesses materiais que estes possuem, a motivação para a descoberta, entre outros. Esta suposição acaba igualmente por ser consonante com os resultados anteriormente discutidos relativamente aos valores, em que se observou uma prevalência nos valores focalizados no *Eu com os Outros* e *Eu e o Outro*, ou seja, valores de expressão coletiva que caracterizam globalmente a amostra do presente estudo.

Ao procurarmos **analisar os valores pessoais em função de algumas variáveis sociodemográficas**, nomeadamente o regime de frequência, a nacionalidade, a idade e o NSE, constatámos algumas particularidades interessantes. Assim, apesar de não terem sido encontradas diferenças estatisticamente significativas nos valores quando se considerou o regime de frequência, a nacionalidade e o NSE, foi possível perceber que as pontuações médias assinalam que os adolescentes em regime de internato pontuam

mais no domínio Hedonista, enquanto os adolescentes em regime de externato, no domínio Coletivo. O domínio Coletivo é mais prevalente para os adolescentes de nacionalidade portuguesa, enquanto o Hedonista para os de outra nacionalidade. Os adolescentes de NSE médio são os que menos pontuam em todos as dimensões e domínios dos valores pessoais. Uma vez mais, a idade foi a única variável sociodemográfica de análise que se associou significativamente com os valores: genericamente, os adolescentes mais jovens são aqueles que atribuem maior importância a valores pessoais, particularmente aqueles de índole relacional, tradicional, espiritual e consequentemente inseridos no domínio Coletivo, isto é, que se focaliza no *Eu com os Outros*.

Estes resultados são interessantes na medida em que assinalam dois aspetos importantes: por um lado, potenciais variações culturais e sociais em termos de valores⁴, tal como diversos autores já tinham referido (Schwartz, 1994), por outro, as diferenças em termos etários, o que acaba por corroborar a ideia já anteriormente veiculada, de que os valores pessoais sofrem mudanças ao longo da vida, em função das experiências pessoais (e.g., Bilsky & Schwartz, 1994; Figueiredo, 1991; Fonseca, 1999; Schein, 1997).

De acordo com os dados encontrados e numa análise cruzada dos mesmos, verificámos ainda que os adolescentes de NSE médio são os que menos pontuam em todos as dimensões e domínios dos valores pessoais e são aqueles que apresentam maiores índices de condutas antissociais. Concomitantemente, relativamente à idade, constatámos que à medida que os adolescentes se tornam adultos, menor a valoração conferida aos valores pessoais enquanto princípios que guiam as suas vidas e maior o envolvimento em comportamentos antissociais. Estes dados ilustram que os valores pessoais e os comportamentos antissociais variaram em sentido oposto com a idade e o NSE, o que parece denotar que aquelas variáveis mantêm uma relação inversa. Por outro lado, a observação do regime revela-nos que a potencial relação inversa entre os valores e as condutas antissociais poderá apenas aplicar-se ao domínio Coletivo, estabelecendo o domínio Hedonista, por sua vez, uma relação positiva com estas condutas. De facto, os alunos em externato relataram menor envolvimento em atos antissociais e pontuaram mais no domínio Coletivo, enquanto aqueles em internato

⁴ Sublinhamos, uma vez mais, que estas variações não se revelaram estatisticamente significativas; as nossas ilações baseiam-se meramente em tendências de pontuações.

apresentaram pontuações superiores no CCA e igualmente superiores no domínio Hedonista. Estas hipóteses foram, de resto, corroboradas quando analisámos a relação entre as condutas antissociais e os valores pessoais, tal como passaremos a ilustrar.

Ao analisarmos a **relação entre os valores e os comportamentos antissociais**, os principais resultados encontrados mostraram a existência de correlações inversas entre todos os valores e os comportamentos antissociais, principalmente no que concerne o domínio Coletivo. De facto, analisando as dimensões que este domínio integra, pudemos verificar que apenas a *Preocupação Social* não se correlacionou com a *Agressão*. Já no que respeita o domínio Hedonista, emergiu um quadro distinto: o domínio, como um todo, apenas estabeleceu correlações significativas inversas com o *Furto/Roubo* e *Consumo de Drogas*; não foram encontradas correlações significativas entre a dimensão *Aventura* e todos os tipos e o total de comportamentos antissociais; a dimensão *Poder Social* também não se correlacionou com nenhuma das dimensões de condutas antissociais analisadas; de resto, apenas se verificaram correlações inversas na dimensão *Equilíbrio Pessoal* e *Realização Pessoal* com todos os tipos de condutas antissociais.

Ao nível das análises de regressão, verificou-se que o domínio Coletivo e Hedonista dos valores pessoais se assumiram como preditores das condutas antissociais, ainda que o primeiro negativamente e o segundo positivamente. Isto significa que são os jovens que identificam, como guias da sua vida, valores focalizados no *Eu sem os Outros* (*Aventura*, *Poder Social*, *Equilíbrio Pessoal* e *Realização Pessoal*) que apresentam níveis mais elevados de condutas antissociais, enquanto aqueles que acolhem, como guias orientadores da sua vida, valores focalizados no *Eu com os Outros* (*Relacional*, *Tradicionalismo*, *Preocupação Social* e *Espiritualidade*), apresentam menor probabilidade de se envolverem neste tipo de condutas, já que priorizam o interesse social em detrimento do individual.

Estes resultados corroboram os estudos realizados por Formiga (2006), Romero et al. (2001) e Tamayo et al. (1995) onde se constatou que os valores Coletivos assumem-se como fatores de proteção no envolvimento em comportamentos antissociais, já que estes valores evidenciam a necessidade dos sujeitos se comportarem conforme o socialmente esperado, levando-os a agir de forma consonante com as normas sociais. Por outro lado, os valores hedonísticos encontram-se associados ao envolvimento nesse tipo de comportamentos, uma vez que espelham um desinteresse pelas normas sociais e convencionais.

Na verdade, os jovens que se envolvem em comportamentos antissociais encontram-se mais expostos ao risco e, talvez por esse motivo, procurem aventura (e.g., uso de drogas) e poder social (e.g., agressão, condutas contra normas, vandalismo), no sentido de encontrarem um equilíbrio para as lacunas que vivenciam nas suas vidas e na sua realização pessoal, não tendo em consideração os outros, supondo que através destes comportamentos possam são capazes de ultrapassar as suas próprias fragilidades. Por contraponto, os jovens que não se envolvem em comportamentos antissociais (ou que apresentam uma menor frequência destes), detêm valores de tradição, obediência, de preocupação social e relacional, que funcionam como escudo protetor do seu envolvimento nestes comportamentos antissociais.

Suportando-nos do modelo dos valores proposto por Schwartz, conseguimos compreender que os valores pessoais, para além de se constituírem teoricamente como critérios de orientação da vida das pessoas, assumem igualmente na sua dinâmica social e psicológica, um papel fundamental nas escolhas dos comportamentos adotados pelos adolescentes.

Esta dedução que os resultados nos permitiram realizar assume uma particular importância na educação para os valores, na medida em que assumimos que apesar de todos os jovens possuírem uma tendência natural para se desviarem dos padrões convencionais da sociedade, poderão não o fazer se forem socializados (e.g., na família e na escola) nos valores que primam pela focalização no *Eu com os Outros*, isto é, nos valores Coletivos, de dimensão normativa e social. Por outro lado e ainda atendendo a este modelo, ao ser assumida a volatilidade dos valores pessoais, tal como Schwartz assinala, os jovens que se envolvem em comportamentos antissociais foram levados a priorizar como guias importantes nas suas vidas, valores Hedonistas, não permitindo o reconhecimento e desenvolvimento de outros valores, pelo que a educação para os valores se mostra possível, em qualquer momento da nossa vida.

REFLEXÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu identificar os valores pessoais e os comportamentos antissociais dos adolescentes que se encontram em regime de internato e externato numa instituição escolar portuguesa. Como objetivos mais específicos procurou-se comparar os valores pessoais e comportamentos antissociais em função do regime de frequência, nacionalidade, idade e NSE, bem como analisar a relação entre valores pessoais e comportamentos antissociais.

Os principais resultados mostraram que:

- Há uma maior preponderância de valores pertencentes ao domínio Coletivo, nomeadamente nas dimensões *Relacional* e *Tradicionalismo*.
- Há uma prevalência considerável de comportamentos antissociais ao nível das dimensões relativas à *Conduta Contra Normas* e *Agressão*.
- Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos valores pessoais e nos comportamentos antissociais quando se considera o regime de frequência, nacionalidade e NSE.
- Os comportamentos antissociais apresentam variações significativas em função da idade, denotando-se que os comportamentos antissociais obtêm pontuações significativamente mais elevadas à medida que se avança na idade.
- Os valores pessoais apresentaram variações significativas quando se considera a idade, denotando-se que os valores obtêm pontuações significativamente mais baixas à medida que se avança na idade.
- Os valores Coletivos apresentaram-se como preditores negativos das condutas antissociais, enquanto os valores Hedonistas, preditores positivos dessas mesmas condutas.

Estes resultados são importantes para que intervenções focalizadas na educação destes jovens possam ser acolhidas no seio da instituição escolar onde o estudo decorreu, já que se comprovou que são os adolescentes mais velhos que estão envolvidos em comportamentos antissociais e que priorizam valores hedonistas, sendo assim um grupo de risco. Por conseguinte, perante estes jovens deve ser realizada uma abordagem reabilitativa, no sentido de se desenvolverem atividades que coloquem a ênfase no *Eu com os Outros*, em detrimento daquelas que possam valorizar mais o *Eu sem os Outros*. A possibilidade da educação para os valores pessoais é uma realidade, uma vez que estes sofrem uma mutação ao longo da vida. Da mesma forma, não podem ser descuradas intervenções de cariz preventivo em idades mais precoces, uma vez que se sabe que os comportamentos antissociais aumentam com a idade, havendo ao mesmo tempo uma diminuição da priorização aos valores Coletivos, enquanto guias de orientação da vida.

Acreditamos que a educação para os valores deve ser também da competência das escolas, nomeadamente quando a estas é delegada a responsabilidade da educação dos jovens, como é particularmente relevante no caso dos adolescentes em regime de internato. Por isso, junto destes jovens será importante serem veiculados valores que

ênfatisam a dimensão Coletiva e não individual, nas atividades que são desenvolvidas no seio da instituição.

Para além da riqueza dos resultados encontrados, sublinhamos que a realização do presente trabalho foi deveras motivador e encorajador, na medida em que se constituiu como um verdadeiro desafio, uma verdadeira fonte de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e profissional. Apesar disso e ao refletirmos sobre todo o percurso realizado, sentimos algumas dificuldades que devem ser sublinhadas, pelo tipo de desafio que constituíram. Assim, a primeira dificuldade encontrada foi o facto de o protocolo administrado ser muito extenso, o que acabou por tornar a tarefa de preenchimento, cotação e introdução de dados morosa. Foram visíveis, no seio dos alunos mais novos, algum desgaste e cansaço durante o seu preenchimento. Esta questão torna-se pertinente na medida em que nos abre portas para olharmos para os resultados encontrados de uma forma parcimoniosa, já que estes podem ter sido influenciados por esta variável, ou seja, os adolescentes puderem ter respondido de forma mais “aleatória” às questões colocadas, pelo facto de perccionarem o instrumento longo. Uma segunda dificuldade remete-nos para o facto de termos solicitado autorização dos autores dos instrumentos para a sua administração e não a termos rececionado atempadamente, o que acabou por atrasar esta investigação. Por fim, uma terceira dificuldade prendeu-se com a própria recolha dos dados, uma vez que era nosso intuito inicial administrar o protocolo a um maior número de alunos possível, não tendo esta tarefa sido cumprida por contratempos que não estiveram sob o nosso controlo, nomeadamente ausência dos alunos em atividades fora da instituição.

Apesar destas dificuldades, como já referimos, consideramos relevantes os resultados encontrados já que eles apontam também para a concretização de investigações futuras. Assim, estudos posteriores deveriam ser considerados neste âmbito, com amostras mais alargadas e, preferencialmente, com amostras mistas (rapazes e raparigas). Consideramos ainda ser importante ser conduzido estudos longitudinais, que permitam avaliar não só a mudança dos valores pessoais ao longo da trajetória na adolescência, mas também a sua natureza protetora para o envolvimento em comportamentos antissociais.

Na presente investigação ficou patente a ideia da importância de uma educação para os valores no seio dos adolescentes, educação esta que deverá não apenas radicar na família, mas também nas instituições escolares. Muitas vezes, o que verificamos é que os valores nem sempre são abordados de forma direta, consciente e orientada, o que

acaba por relativizar a sua importância enquanto princípios guias da ação. cremos que, se aos adolescentes for continuamente sublinhada a importância dos valores nas suas vidas, através de exemplos e situações concretas, estes acabarão por ir seleccionando e construindo, de forma mais ou menos consciente, os valores pessoais que orientarão a sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L., & Freire, T. (2007). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (4ª Ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Andújar Martínez, M. (2007). *Conductas antisociales en la adolescencia*. Disertación de Máster. España: Universidad de Almería.
- Araújo, U. (2011). A construção social e psicológica dos valores. *Revista Latino Americana de Desarrollo Humano*, 71, 1-13.
- Arthur, M., Hawkins, J., Pollard, J., Catalano, R., & Baglioni, A. (2002). Measuring risk and protective factors for substance use, delinquency, and other adolescent problem behaviors. The Communities That Care Youth Survey. *Evaluation Review*, 26(6), 575-601.
- Bardi, A., & Schwartz, S. (2003). Values and behavior: Strength and structure of relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(10), 1207-1220.
- Bender, D., & Losel, F. (1997). Protective and risk effects of peer relations and social support on anti-social behaviour in adolescents from multi-problem milieus. *Journal of Adolescence*, 20, 661-678.
- Bensley, L., Van Eenwyk, J., Spieker, S., & Schoder, J. (1999). Self-reported abuse history and adolescent problem behaviors. I. Antisocial and suicidal behaviors. *Journal of Adolescent Health*, 24(3), 163-172.
- Biber, P., Hupfeld, J., & Meier, L. (2008). Personal values and relational models. *European Journal of Personality*, 22, 609-628.
- Bilsky, W. (2009). A estrutura de valores: Sua estabilidade para além de instrumentos, teorias, idades e culturas. *Revista de Administração Mackenzie*, 3, 12-33.
- Bilsky, W., & Schwartz, S. (1994). Values and personality. *European Journal of Personality*, 8, 163-181.
- Borduin, C., & Schaeffer, C. (1998). Violent offending in adolescence: Epidemiology, correlates, outcomes, and treatment. In T. Gullotta, G. Adams, & R. Montemayor

- (Eds.), *Delinquent violent youth: Theory and interventions* (pp. 63-98). London: Sage Publications.
- Borrelli, M. (1995). Crianças da rua. *Infância e Juventude: Revista do Instituto de Reinserção Social*, 1, 9-63.
- Braga, T. (2013). *Comportamentos antissociais juvenis: Indicadores e formas de manifestação*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Brasil, L., Mitsui, R., Pereira, A. & Alves, R. (2000). Mudanças no comportamento sexual do adolescente, decorrentes do surgimento da sida no contexto social. *Análise Psicológica*, 4, 465-483.
- Breen, J., Manning, U., O'Donnell, I., O'Mahony, D., & Seymour, M. (2010). Ireland. In J. Junger-Tas, I. H. Marshall, D. Enzmann, M. Killias, M. Steketee, & B. Gruszczynska (Eds.), *Juvenile delinquency in Europe and beyond: Results of the second international self-report delinquency study* (pp. 111-124). New York: Springer. doi 10.1007/978-0-387-95982-5
- Brenzina, T., & Piquero, A. (2007). Moral beliefs, isolation from peers, and abstention from delinquency. *Deviant Behavior*, 28, 5, 433-465. doi: 10.1080/01639620701233324
- Cabié, M., & Gammer, C. (1999). *Adolescência e crise familiar*. Lisboa: Climepsi.
- Carlo, G., & Koller, S. (1998). Desenvolvimento moral prósocial em crianças e adolescentes: Conceitos, metodologias e pesquisas no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(2), 161-172.
- Carneiro, M., Berites, C., Rodrigues, E., & Garrinhas, P. (1997). *Crianças de risco*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Carr, M. B., & Vandiver, T. A. (2001). Risk and protective factors among youth offenders. *Adolescence*, 36(143), 409-426.
- Chernoff, R., & Davison, G. (1999). Values and their relationship to HIV/AIDS risk behavior among late-adolescent and young adult college students. *Cognitive therapy and Research*, 23(5), 453-468.
- Cloutier, R., & Drapeau, S. (2008). *Psychologie de l'adolescence*. France: Gaëtan Morin.
- Coie, J. (1996). Prevention of violence and antisocial behavior. In R. Peters, & R. McMahon (Eds.), *Preventing childhood disorders substance abuse, and delinquency* (pp.76-96). London: Sage Publications.

- Coie, J., & Dodge, K. (1998). Aggression and antisocial behaviour. In W. Damon, & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology. Social, emotional, and personal development* (vol. 3, 5ed., pp. 779-862). New York: John Wiley & Sons.
- Coslin, P. (2009). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- De Vries, R., & Zan, B. (1998). *A ética na educação infantil: O ambiente sócio-moral na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Deater-Deckard, K., & Plomin, R. (1999). An adoption study of the etiology of teacher and parent reports of externalizing behavior problems in middle childhood. *Child Development*, 70, 144-154.
- Dishion, T., & Patterson, G. (2006). The development and ecology of antisocial behavior in children and adolescents. In D. Cicchetti, & D. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology* (vol. 3, pp. 503-541). New York: Wiley.
- Donohew, R., Hoyle, R., Clayton, R., Skinner, W., Colon, S., & Rice, S. (1999). Sensation seeking and drug use by adolescents and their friends: Models for marijuana and alcohol. *Journal of Studies on Alcohol*, 60(5), 622-631.
- Farrington, D. P., Coid, J. W., Harnett, L. M., Jolliffe, D., Soteriou, N., Turner, R. E., & West, D. J. (2006). *Criminal careers up to age 50 and life success up to age 48: New findings from the cambridge study in delinquent development* (Home Office Research Study No. 299). London: Home Office.
- Farrington, D. P., Jolliffe, D., Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M., & Kalb, L. M. (2001). The concentration of offenders in families, and family criminality in the prediction of boys' delinquency. *Journal of Adolescence*, 24, 579-596.
- Farzad, M. (1999). La construction de l'identité déviante. In P. Boumard (Ed.), *L'école, les jeunes, la déviance* (pp. 29-47). Paris: PUF.
- Figueiredo, I. (1991). *Estrutura psicológica dos valores humanos: Estudo transversal*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Psicologia e Ciências da Educação.
- Fini, L. (1991). Desenvolvimento moral: De Piaget a Kohlberg. *Perspetiva*, 9(16), 58-78.
- Flood-Page, C., Campbell, S., Harrington, V., & Miller, J. (2000). *Youth crime: Findings from the 1998/99 Youth Lifestyles Survey* (Home Office Research Study No. 209). London: Home.
- Office.Fonseca, A. (1992). Comportamentos antissociais no ensino básico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI, 2, 279-330.

- Fonseca, A. (1993). *Formação pessoal e social, valores profissionais e construção de projetos vocacionais*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Fonseca, A. (1997). *Psiquiatria e psicopatologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fonseca, A. (1999). Uma aproximação psicológica ao estudo dos valores humanos. *Perspetivar a Educação*, 5, 14-15.
- Fonseca, A. (2000). Comportamentos antissociais: Uma introdução. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV, 9-36.
- Fonseca, A. (2004). Diferenças individuais no desenvolvimento do comportamento antissocial: O contributo dos estudos longitudinais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento antissocial e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 323-360). Coimbra: Almedina.
- Fonseca, A., Simões, M., Rebelo, J., Ferreira, J., & Cardoso, F. (1995). Comportamentos antissociais referidos pelos próprios alunos. *Psychologica*, 21, 97-112.
- Formiga, N. (2006). Valores humanos e condutas delinquentes: As bases normativas da conduta antissocial e delitiva em jovens brasileiros. *Psicologia Para América Latina*, 7, retirado de <http://psicolatina.org/Siete/index.html>
- Formiga, N., & Gouveia, V. (2005). Valores humanos e condutas antissociais e delitivas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 134-170.
- Frechette, M., & LeBlanc, M. (1987). *Délinquances et délinquants*. Québec: Gaetan Morin.
- Gallego, A., & Becker, M. (2008). Adolescência e moralidade: O professor que faz a diferença. *Revista Eletrónica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, 1(1), 116-133.
- Gatti, U., Fossa, G., Luseti, E., Marugo, M. I., Russo, G., & Traverso, G. B. (1994). Self-reported delinquency in three Italian cities. In J. Junger-Tas, G. J. Terlouw, & M. W. Klein (Eds.), *Delinquent behaviour among young people in the western world: First results of the international self-report delinquency study* (pp. 267-287). Amsterdam: Kugler Publications.
- Gersão, E., & Lisboa, M. (1994). The self-report delinquency study in Portugal. In J. Junger-Tas, G. J. Terlouw, & M. W. Klein (Eds.), *Delinquent behaviour among young people in the western world: First results of the international self-report delinquency study* (pp. 212-237). Amsterdam: Kugler Publications.

- Goff, B., & Goddard, H. (1999). Terminal core values associated with adolescent problem behaviours. *Adolescence*, 34(133), 47-60.
- Grube, J., Mayton, D., & Ball-Rokeach, S. (1994). Inducing change in values, attitudes, and behaviors: Belief system theory and the method of value self-confrontation. *Journal of Social Issues*, 50(4), 153-173.
- Guilamo-Ramos, V., Litardo, H., & Jaccard, J. (2005). Prevention programs for reducing adolescent problem behaviors: Implications of the co-occurrence of problem behaviors in adolescence. *Journal of Adolescent Health*, 36(1), 82-86.
- Herrero, O., Ordóñez, F., Salas, A., & Colom, R. (2002). Adolescencia y comportamiento antisocial. *Psicothema*, 2(14), 340-343.
- Hidalgo Vicario, M., & Júdez Gutiérrez, J. (2007). Adolescencia de alto riesgo. Consumo de drogas y conductas delictivas. *Pediatría Integral*, XI(10), 895-910.
- Hidalgo Vicario, M., & Redondo Romero, A. (2005). Consumo de drogas en la adolescencia. *Pediatría Integral*, IX(2), 1-19.
- Karnik, N., McMullin, M., & Steiner, H. (2006). Disruptive behaviors: Conduct and oppositional disorders in adolescents. *Adolescence Medicine*, 17, 97-114.
- Kazdin, A., & Buela-Casal, G. (2002). *Conducta antisocial: Evaluación, tratamiento y prevención en la infancia y adolescencia*. Madrid: Pirámide.
- Kinnear, P., & Gray, C. (2001). *SPSS for windows: Made simple*. United Kingdom: Psychology Press.
- Knutsonn, J. F., DeGarmo, D. S., & Reid, J. B. (2004). Social disadvantage and neglectful parenting as precursors to the development of antisocial and aggressive child behavior: Testing a theoretical model. *Aggressive Behavior*, 30, 187-205.
- Kobayashi, M., & Zane, V. (2007). Desenvolvimento sociomoral de adolescentes inseridos em medida socioeducativa de internação. *Revista Mimesis*, 28(2), 5-21.
- Kulig, J. (2005). The committee of substance abuse. Tobacco, alcohol and other drugs: The role of the pediatrician in prevention, identification and management of substance abuse. *Pediatrics*, 115, 816-821.
- Liu, H., Yu, s., Cottrell, L., Lunn, S., Deveaux, L., Brathwaite, N., Marshall, S., Li, X., & Stanton, B. (2007). Personal values and involvement in problem behaviors among Bahamian early adolescents: a cross-sectional study. *BMC Public Health*, 7, 135-143.

- Loeber, R., & Hay, D. (1997). Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood. *Annual Review of Psychology*, 48, 371-410.
- Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (1998). Development of juvenile aggression and violence Some common misconceptions and controversies. *American Psychologist*, 53, 242-259.
- Loeber, R., Farrington, D., & Petechuck, D. (2003). Child delinquency: Early intervention and prevention. *Child Delinquency*, 5, 3-19.
- Lüdecke-Plümer, S. (2007). Educação moral e transmissão de valores nas escolas profissionais. *Revista Europeia de Formação Profissional*, 41, 115-128.
- Lummertz, J. (1997). Adolescência: Algumas reflexões. *Tempo e Ciência*, 1, 7-11.
- MacCrystal, P., Higgins, K., & Percy, A. (2006). Brief report: School exclusion drug use and delinquency in adolescence. *Journal of Adolescence*, 29(5), 829-836.
- Martins, J. (2005). *Violência e maus-tratos em contexto de socialização e delinquência juvenil*. Tese de Doutoramento. Espanha: Faculdade de Psicologia da Universidade de Santiago de Compostela.
- Martins, L., & Branco, A. (2001). Desenvolvimento moral: Considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(2), 169-176.
- Matos, M. (1996). Adolescer e delinquir. *Análise Psicológica*, 1(XIV), 23-29.
- Mendes, S. M., & Carvalho, S. (2010). Portugal. In J. Junger-Tas, I. H. Marshall, D. Enzmann, M. Killias, M. Steketee, & B. Gruszczynska (Eds.), *Juvenile delinquency in Europe and beyond: Results of the second international self-report delinquency study* (pp. 205-212). New York: Springer. doi: 10.1007/978-0-387-95982-5.
- Menezes, J., & Campos, B. P. (1991). Estrutura dos valores: Estudo transversal. *Psychologica*, 6, 129-147.
- Mirón, L. (1990). *Familia, grupo de iguales y empatia: Hacia un modelo explicativo de la delincuencia juvenil*. Tese de Doutoramento. Espanha: Faculdade de Filosofia e Ciências da Educação da Universidade de Santiago de Compostela.
- Moffitt, T. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674-701.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências juvenis*. Lisboa: Editorial Notícias.

- Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis: Trajetórias, intervenções e prevenção*. Porto: Livpsic.
- Pacheco, J., & Hutz, C. (2009). Variáveis familiares preditoras do comportamento antisocial em adolescentes autores de atos infracionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 213-219.
- Peiser, N., & Heaven, P. (1996). Family influences on self-reported delinquency among high school students. *Journal of Adolescence*, 19, 557-568.
- Peña Fernández, M., & Graña Gómez, J. (2006). Agresión y conducta antisocial en la adolescencia: Una integración conceptual. *Psicopatología Clínica, Legal y Forense*, 6, 9-23.
- Pettit, G. S., Laird, R., Dodge, K., Bates, J. E., & Criss, M. (2001). Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. *Child Development*, 72, 583-598.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (2ª ed.). São Paulo: Summus.
- Planella, J. (1997). A violência como forma de comunicação nas crianças e adolescentes em situação de risco social. *Infância e Juventude: Revista do Instituto de Reinserção Social*, 4, 85-98.
- Prince-Gibson, E., & Schwartz, S. (1998). Value priorities and gender. *Social Psychology Quarterly*, 61, 49-67.
- Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M. (2012). Questionário de valores pessoais readaptado: Processo de desenvolvimento e contributos iniciais para validação. *RIDEP*, 34(1), 175-199.
- Raboteg-Saric, Z., Rijavec, M., & Brajsa-Zganec, A. (2001). The relation of parental practices and self-conceptions to young adolescent problem behaviors and substance use. *Nordic Journal of Psychiatry*, 55(3), 203-209.
- Relvas, A. (2000). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rokeach, M. (1976). *Beliefs, attitudes and values: A theory of organization and change systems*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Romero, E., Sobral, J., Luengo, M., & Marzoa, J. (2001). Values and antisocial behaviour among Spanish adolescents. *The Journal of Genetic Psychology*, 162, 20-40.
- Ruiz, M. (2003). Reflexões sobre a moralidade infantil. *Revista Iberoamericana de Educación*, 10, 33, 1-20.

- Sampaio, D. (1996). *Vozes e ruídos*. Lisboa: Caminho.
- Schein, E. (1997). *Organizational culture and leadership*. San Francisco: Jossey Bass.
- Schwartz, S. (1992). Universal in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In M. P. Zanna (Ed.), *Advanced in experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Schwartz, S. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.
- Schwartz, S. (2005). Validade e aplicabilidade da teoria dos valores. In A. Tamayo, & J. Porto (Eds.), *Valores e comportamentos nas organizações* (pp. 56-59). Rio de Janeiro: Vozes.
- Schwartz, S. (2006). Há aspetos universais na estrutura e no conteúdo dos valores humanos? In M. Ross, & V. Gouveia (Eds.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 55-85). São Paulo: Editora Senac.
- Schwartz, S. H., & Boehnke, K. (2004). Evaluating the structure of human values with confirmatory factor analysis. *Journal of Research in Personality*, 38, 230-255.
- Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: cross-cultural and multimethod studies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 1010-1028.
- Schwartz, S., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 878-891.
- Schwartz, S., Melech, G., Lehmann, A., Burgess, S., Harris, M., & Owens, V. (2001). Extending the cross-cultural validity of the theory of basic human values with a different method of measurement. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 32(5), 519-542.
- Serra, A. (2006). *O risco de transgredir: Estudo prospectivo longitudinal acelerado numa perspectiva desenvolvimental*. Tese de doutoramento. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.
- Sheer, V., & Cline, R. (1994). The development and validation of a model explaining sexual behavior among college students: Implications for AIDS communication campaigns. *Human Communication Research*, 21(2), 280-304.

- Simons, R., Whitbeck, L., Conger, R., & Melby, J. (1991). The effect of social skills, values, peers, and depression on adolescent substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(4), 466-481.
- Smith, C. A., & Farrington, D. P. (2004). Continuities in antisocial behavior and parenting across three generations. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(2), 230-247.
- Sprinthall, N., & Sprinthall, R. (2000). *Psicologia educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Steinberg, L., & Morris, A. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110.
- Tamayo, A., Nicaretta, M., Ribeiro, R., & Barbosa, L. (1995). Prioridades axiológicas y consumo de drogas. *Acta Psiquiátrica y Psicológica de la America Latina*, 4, 300-307.
- Teixeira, J. (2000). *Comportamento criminal: Perspetiva biopsicológica*. Linda-a-Velha: Vale & Vale Editores.
- Thomas, A. (2011). *Parent and peer influences: Their role in predicting adolescent moral values and delinquent behaviour*. Master Thesis. Colorado: Colorado State University. Retirado de http://digitoool.library.colostate.edu///exlibris/dtl/d3_1/apache_media/L2V4bGlicmlzL2R0bC9kM18xL2FwYWNoZV9tZWRpYS8xMjA1MTg=.pdf
- Veneziano, C., & Veneziano, L. (1988). Correlates of moral development in juvenile delinquents. *American Journal of Criminal Justice*, 13, 1, 97-116.
- World Health Organization [WHO]. (2000). *Young people's health – a challenge for society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All by the Year 2000. Technical Report Series*, 731. Geneva: WHO.
- Zuckerman, M., Ball, S., & Black, J. (1990). Influences of sensation seeking, gender, risk appraisal, and situational motivation on smoking. *Addictive Behaviors*, 15(3), 209-220.

ANEXOS

ANEXO A - PROTOCOLO

O presente questionário insere-se no âmbito do Mestrado em Psicologia Forense da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Estamos a realizar um estudo acerca dos comportamentos dos jovens da tua idade e gostaríamos de ter a sua opinião. Trata-se de um estudo meramente académico, por isso, não existem boas ou más respostas e as informações serão tratadas de forma **confidencial**. Por isso, agradecemos que sejas sincero.

Questionário Sociodemográfico

Responde às seguintes questões abertas ou colocando uma cruz (x) na opção que a ti se aplica.

	Informações Sociodemográficas			Nr. _____
1	Regime	Internato ☐	Externato ☐	
2	Idade	_____ anos		
3	Ano de escolaridade	_____		
4	Nacionalidade	Portuguesa ☐	Outra ☐	Qual? _____
5	Estado civil dos pais	Casados/união de facto ☐	Divorciados/separados ☐	Viúvo/a ☐
6	Número de irmãos	_____		

Em seguida, responde às seguintes questões, relativamente aos teus PAIS/TUTORES colocando uma cruz (x) na opção que a eles se aplica.

	Profissão dos pais/tutores	Instrução dos pais/tutores	Fonte Principal dos pais/tutores	Tipo de habitação dos pais/tutores	Local de residência dos pais/tutores
V	Mão-de-obra indiferenciada. ☐	Escolaridade obrigatória não completa. ☐	Assistencial ☐	Impróprio ☐	Bairro de lata ☐
IV	Pequenos agricultores. Operários semiqualeificados. Escriturários. ☐	Escolaridade obrigatória. ☐	Remunerações incertas ☐	Com cozinha e casa de banho degradadas e ou sem eletrodomésticos. ☐	Bairro operário social ☐
III	Pequenos industriais e comerciantes. Empregados e operários qualificados. ☐	Curso complementar. Ensino superior. ☐	Vencimentos certos ☐	Bem conservado, com cozinha e casa de banho. Eletrodomésticos essenciais. ☐	Zona antiga ☐
II	Médios industriais, comerciantes e agricultores. Dirigentes intermédios e Quadros Técnicos de empresas e Administração Pública. ☐	Bacharelato. Curso superior. ☐	Altos vencimentos ou honorários ☐	Espaços confortáveis ☐	Bom local ☐
I	Grandes industriais e comerciantes. Grandes empresas e Administração Pública. Profissionais liberais. ☐	Doutoramento, Mestrado ou Licenciatura ☐	Propriedade ☐	Luxuoso ☐	Bairro elegante ☐

Questionário de Condutas Antissociais
(Martins, 2005)

Apresenta-se a seguir uma lista de frases que podem ser utilizadas para descrever comportamentos dos jovens da tua idade. Lê atentamente cada uma dessas frases e coloca uma cruz (x) na opção que corresponde ao teu caso, utilizando a seguinte escala:

Nunca realizei este comportamento	Quase nunca (1 ou 2 vezes) realizei este comportamento	Já realizei este comportamento algumas vezes (3 ou 4 vezes)	Já realizei este comportamento bastantes vezes (5 a 10 vezes)	Com frequência (mais de 10 vezes) realizo este comportamento
①	①	②	③	④
1	Partir vidros de casas vazias			① ① ② ③ ④
2	Dar uma tarefa a alguém			① ① ② ③ ④
3	Viajar de autocarro, comboio, etc., sem bilhete			① ① ② ③ ④
4	Consumir bebidas alcoólicas em bares antes dos 16 anos			① ① ② ③ ④
5	Consumir Haxixe, Marijuana			① ① ② ③ ④
6	Incomodar, insultar, empurrar um desconhecido			① ① ② ③ ④
7	Roubar coisas de um automóvel estacionado			① ① ② ③ ④
8	Conduzir bêbado			① ① ② ③ ④
9	Tomar anfetaminas ou outras substâncias médicas sem terem sido receitadas			① ① ② ③ ④
10	Golpear, riscar, danificar automóveis e motas estacionadas			① ① ② ③ ④
11	Atacar com as mãos alguém de um grupo rival			① ① ② ③ ④
12	Entrar numa casa para roubá-la			① ① ② ③ ④
13	Consumir drogas duras (heroína, cocaína, etc.)			① ① ② ③ ④
14	Andar à pancada com alguém			① ① ② ③ ④
15	Roubar dinheiro de máquinas de jogos, música ou de cabines telefónicas, etc.			① ① ② ③ ④
16	Andar com gente que habitualmente se mete em problemas			① ① ② ③ ④
17	Discutir violentamente com o professor			① ① ② ③ ④
18	Roubar alguém utilizando a força física			① ① ② ③ ④
19	Embebedar-se			① ① ② ③ ④
20	Fazer estragos numa loja aberta			① ① ② ③ ④
21	Ameaçar alguém com uma arma			① ① ② ③ ④
22	Fumar antes dos 16 anos			① ① ② ③ ④
23	Consumir mais de uma droga ao mesmo tempo			① ① ② ③ ④
24	Sujar as ruas de propósito, virando baldes do lixo e partindo garrafas			① ① ② ③ ④
25	Dar um pontapé a alguém			① ① ② ③ ④
26	Fugir de casa			① ① ② ③ ④
27	Fazer estragos num bar, discoteca, etc.			① ① ② ③ ④
28	Roubar coisas de uma loja estando aberta			① ① ② ③ ④
29	Passar a noite fora de casa sem autorização			① ① ② ③ ④
30	Ter problemas de saúde devido ao consumo de drogas			① ① ② ③ ④
31	Roubar uma casa particular			① ① ② ③ ④
32	Aceitar presentes ou dinheiro sabendo que são roubados			① ① ② ③ ④
33	Fazer desenhos obscenos nas paredes			① ① ② ③ ④
34	Andar com uma arma (navalha, etc.) por ela poder ser útil na luta			① ① ② ③ ④
35	Roubar uma mota, bicicleta para dar uma volta com ela			① ① ② ③ ④
36	Receber dinheiro para fazer alguma coisa ilegal			① ① ② ③ ④
37	Atacar um polícia para impedir que ele detenha alguém			① ① ② ③ ④
38	Convencer alguém a fazer alguma coisa ilegal			① ① ② ③ ④
39	Destruir ou danificar cabines telefónicas, latões de lixo, etc.			① ① ② ③ ④
40	Agredir alguém com intenção de o(a) matar			① ① ② ③ ④
41	Roubar objetos da escola, colégio ou liceu			① ① ② ③ ④
42	Ser expulso(a) da escola, colégio ou liceu			① ① ② ③ ④
43	Oferecer resistência a um polícia que te quer deter			① ① ② ③ ④
44	Tomar parte num roubo utilizando armas			① ① ② ③ ④
45	Incomodar, insultar, empurrar alguém que vai pela rua			① ① ② ③ ④
46	Ser detido(a) por vender droga			① ① ② ③ ④
47	Vender droga			① ① ② ③ ④
48	Roubar coisas que se encontram nos bolsos de roupas penduradas em cabides			① ① ② ③ ④
49	Assaltar alguém			① ① ② ③ ④
50	Entrar numa loja fechada para a roubar			① ① ② ③ ④

Questionário sobre os Valores Pessoais (Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2010)

Neste questionário, deves perguntar-te a ti próprio, Que valores são importantes como princípios que orientam a MINHA vida e que valores são menos importantes para mim. Após alguns valores que enunciamos, dentro do parêntesis, há uma explicação que te poderá ajudar a compreender o seu significado. A tua tarefa é avaliar quão importante é para ti cada valor, como um princípio orientador da tua vida. Para isso, utiliza a seguinte escala de avaliação:

Sem importância	Pouquíssimo importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Importância Fundamental
①	②	③	④	⑤	⑥

Como PRINCÍPIO orientador da MINHA VIDA, considero este valor:

1	Igualdade (oportunidades iguais para todos)	①	②	③	④	⑤	⑥
2	Harmonia Interior (em paz consigo próprio)	①	②	③	④	⑤	⑥
3	Poder Social (controlo sobre os outros, domínios)	①	②	③	④	⑤	⑥
4	Prazer (satisfação de desejos)	①	②	③	④	⑤	⑥
5	Liberdade (liberdade de ação e de pensamento)	①	②	③	④	⑤	⑥
6	Espiritualidade (ênfase em aspetos espirituais e não materiais)	①	②	③	④	⑤	⑥
7	Ordem Social (valorização da regulação social)	①	②	③	④	⑤	⑥
8	Família (valorização da prioridade da família no percurso de vida)	①	②	③	④	⑤	⑥
9	Vida Excitante (experiências estimulantes, desafiadoras)	①	②	③	④	⑤	⑥
10	Sentido de Vida (finalidades e ações que deem sentido à vida, que promovam autorrealização)	①	②	③	④	⑤	⑥
11	Polidez (cortesia, boas maneiras)	①	②	③	④	⑤	⑥
12	Trabalho (valorizar a importância do trabalho no percurso de vida)	①	②	③	④	⑤	⑥
13	Evolução (valorizar a evolução científica e tecnológica)	①	②	③	④	⑤	⑥
14	Fortuna (posses materiais, dinheiro)	①	②	③	④	⑤	⑥
15	Segurança Nacional (proteção da nação contra os inimigos)	①	②	③	④	⑤	⑥
16	Respeito Próprio (crença no seu valor pessoal)	①	②	③	④	⑤	⑥
17	Reciprocidade de Favores (evitar ser devedor a alguém)	①	②	③	④	⑤	⑥
18	Criatividade (valorização do ser único, com imaginação)	①	②	③	④	⑤	⑥
19	Mundo em Paz (livre de guerra e de conflito)	①	②	③	④	⑤	⑥
20	Tradição (preservação dos costumes estabelecidos há longo tempo)	①	②	③	④	⑤	⑥
21	Amor (profunda intimidade emocional e espiritual)	①	②	③	④	⑤	⑥
22	Autodisciplina (autocontrolo)	①	②	③	④	⑤	⑥
23	Privacidade (ter direito a uma esfera privada)	①	②	③	④	⑤	⑥
24	Segurança Familiar (valorizar e proporcionar segurança aos familiares)	①	②	③	④	⑤	⑥
25	Beleza Física (valorização da imagem física)	①	②	③	④	⑤	⑥
26	Positividade (perspetiva positiva face a si, aos outros e aos acontecimentos)	①	②	③	④	⑤	⑥
27	Verdade (ser genuíno e verdadeiro)	①	②	③	④	⑤	⑥
28	Reconhecimento Social (respeito, aprovação dos outros)	①	②	③	④	⑤	⑥
29	União com a Natureza (integração com a natureza)	①	②	③	④	⑤	⑥
30	Generosidade (valorização de ações gratuitas em prol dos outros)	①	②	③	④	⑤	⑥
31	Vida Variada (cheia de mudanças e novidades)	①	②	③	④	⑤	⑥
32	Sabedoria (compreensão madura da vida)	①	②	③	④	⑤	⑥
33	Autoridade (valorização do direito de liderar ou mandar)	①	②	③	④	⑤	⑥
34	Amizade (valorização de amigos íntimos)	①	②	③	④	⑤	⑥
35	Mundo de Beleza (valorização da beleza da natureza e das artes)	①	②	③	④	⑤	⑥
36	Justiça Social (preocupação com a correção de injustiças, com a ajuda aos mais fracos)	①	②	③	④	⑤	⑥
37	Independência Pessoal (valorização da autossuficiência, da autonomia)	①	②	③	④	⑤	⑥
38	Moderação (evitar os extremos nos sentimentos e ações)	①	②	③	④	⑤	⑥
39	Higiene (ser asseado, arrumado)	①	②	③	④	⑤	⑥
40	Autocondescendência (transigente face aos próprios erros e limitações)	①	②	③	④	⑤	⑥

Sem importância	Pouquíssimo importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Importância Fundamental
①	②	③	④	⑤	⑥

Como PRINCÍPIO orientador da MINHA VIDA, considero este valor:

41	Sucesso (atingir objetivos importantes)	①	②	③	④	⑤	⑥
42	Inteligência (capacidade intelectual)	①	②	③	④	⑤	⑥
43	Lealdade (fiel aos amigos, aos grupos)	①	②	③	④	⑤	⑥
44	Ambição (valorização do trabalho árduo, com aspirações)	①	②	③	④	⑤	⑥
45	Humildade (valorização da modéstia e da simplicidade)	①	②	③	④	⑤	⑥
46	Audácia (valorização da aventura, do risco)	①	②	③	④	⑤	⑥
47	Educação (valorização da transmissão de saberes nas diversas áreas da vida)	①	②	③	④	⑤	⑥
48	Proteção do Ambiente (valorização da preservação e respeito pela natureza)	①	②	③	④	⑤	⑥
49	Influência Social (impacto nas pessoas e nos acontecimentos)	①	②	③	④	⑤	⑥
50	Respeito pelos Mais Velhos (aceitar a importância dos mais velhos e agir em conformidade)	①	②	③	④	⑤	⑥
51	Escolha de Objetivos de Vida (selecionar objetivos e metas)	①	②	③	④	⑤	⑥
52	Responsabilidade (fidedigno, de confiança)	①	②	③	④	⑤	⑥
53	Curiosidade (interesse por tudo, explorador)	①	②	③	④	⑤	⑥
54	Disponibilidade para os Outros (ser prestável e dedicado, preocupar-se com o bem-estar dos outros)	①	②	③	④	⑤	⑥
55	Religiosidade (dedicado à fé religiosa)	①	②	③	④	⑤	⑥
56	Saúde (procurar bem-estar físico e mental)	①	②	③	④	⑤	⑥
57	Competência (competente, eficaz, eficiente)	①	②	③	④	⑤	⑥
58	Aceitação da Vida (submissão às circunstâncias da vida)	①	②	③	④	⑤	⑥
59	Honestidade (sincero, autêntico)	①	②	③	④	⑤	⑥
60	Preservação da Imagem (proteger a reputação)	①	②	③	④	⑤	⑥
61	Esperança (ter fé, acreditar no futuro)	①	②	③	④	⑤	⑥
62	Obediência (cumprir deveres e obrigações)	①	②	③	④	⑤	⑥
63	Perdão (desculpar os outros)	①	②	③	④	⑤	⑥

Obrigada pela tua colaboração.

ANEXO B – ÍNDICE DE GRAFFAR

CLASSIFICAÇÃO SOCIAL INTERNACIONAL DE M. GRAFFAR

(Adaptado de Fonseca, 1997)

O método baseia-se no estudo não apenas de uma característica social, mas num conjunto de cinco critérios que a seguir se definem.

Numa primeira fase, atribui-se a cada família uma pontuação para cada um dos cinco critérios e, numa segunda fase, faz-se a soma destas pontuações para definir a classificação social que a família ocupa na sociedade.

Profissão
- Grandes industriais e comerciantes; Gestores de topo de grandes empresas; Administração pública (1 ponto) - Médios industriais; comerciantes e agricultores; Dirigentes intermédios e quadros técnicos de empresas e Administração pública (2 pontos) - Pequenos industriais e comerciantes; Encarregados e operários qualificados (3 pontos) - Pequenos agricultores; operários semiquualificados e escriturários (4 pontos) - Mão-de-obra indiferenciada (5 pontos)
Nível de instrução
- Doutoramento, Mestrado e Licenciatura (1 ponto) - Bacharelato e curso superior (2 pontos) - Curso complementar e Curso geral (3 pontos) - Escolaridade obrigatória, segundo a idade + ensino preparatório (4 pontos) - Não escolaridade obrigatória completa, segundo a idade (5 pontos)
Fonte principal de rendimento
- Propriedade (1 ponto) - Altos vencimentos ou honorários (2 pontos) - Vencimentos certos (3 pontos) - Remunerações incertas (4 pontos) - Assistência (5 pontos)
Tipo de habitação
- Luxuoso (1 ponto) - Espaçoso e confortável (2 pontos) - Bem conservado, com cozinha e casa de banho/eletrodomésticos essenciais (3 pontos) - Com cozinha e casa de banho mas degradado e/ou sem eletrodomésticos essenciais (4 pontos) - Impróprio (5 pontos)

Local de residência
- Bairro elegante (1 ponto) - Bom local (2 pontos) - Zona antiga (3 pontos) - Bairro operário/social (4 pontos) - Bairro de lata (5 pontos)

CLASSIFICAÇÃO SOCIAL

Somando-se as opções de cada uma das famílias, podem ser obtidas as seguintes classificações:

- Classe 1 (Alta) – Famílias cuja soma de pontos vai de 5 a 9
- Classe 2 (Média Alta) – Famílias cuja soma de pontos vai de 10 a 13
- Classe 3 (Média) – Famílias cuja soma de pontos vai de 14 a 17
- Classe 4 (Média Baixa) – Famílias cuja soma de pontos vai de 18 a 21
- Classe 5 (Baixa) – Famílias cuja soma de pontos vai de 22 a 25